Palestras — Perguntas e Respostas

Por

KRISHNAMURTI

NOVA YORK — EDDINGTON — MADRAS

em 1936

(*Traduzido do Inglês*)

1938

* * *

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Avenida Rio Branco, 117 — 2.º andar — Sala 203

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Palestras — Perguntas e Respostas

Por

KRISHNAMURTI

NOVA YORK — EDDINGTON — MADRAS

em 1936

(Traduzido do Inglês)

Palestras — Perguntas e Respostas

Por

KRISHNAMURTI

NOVA YORK — EDDINGTON — MADRAS

em 1936

(Traduzido do Inglês)

1938

* * *

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Avenida Rio Branco, 117 — 2.º andar — Sala 203

RIO DE JANEIRO

BRASIL

PALESTRAS EM NOVA YORK

I

No mundo dos nossos dias, há quem sustente não ser o indivíduo mais do que uma entidade social, mero produto do ambiente em conflito. Outros afirmam que o homem é divino, e esta idéia é expressa e interpretada por várias formas que se encontram nas religiões.

Os fatos implícitos na idéia de que o homem é uma entidade social, são muitos e aparentemente lógicos. Se aceitardes profundamente a idéia de que o homem é essencialmente uma entidade social, então sereis a favor da arregimentação do pensamento e da sua expressão em todos os departamentos da vida. Se sustentardes que o homem é apenas o resultado do ambiente, o sistema tornar-se-á, então, de importância suprema e deveis dar-lhe todo o valor; nesse caso, os moldes com os quais o homem deve conformar-se adquirem uma grande importância. Tereis, assim, a disciplina, a coerção e, por último, a autoridade decisiva da sociedade, que se intitula governo, ou a autoridade dos grupos ou das concepções ideológicas. A moral social, atende, pois,

apenas às conveniências; e nossa existência, cousa de pouca duração, é seguida pelo aniquilamento.

Não necessito entrar nas muitas minúcias decorrentes da idéia de ser o homem meramente uma entidade social. Se vos interessardes por êste assunto podereis averiguar por vós mesmos o seu significado; e se aceitardes a idéia de que a individualidade é apenas o produto do ambiente, então as vossas concepções morais, sociais e religiosas deverão por fôrça sofrer uma completa mudança.

Se entretanto, aceitardes a idéia religiosa de que existe qualquer poder invisível, divino, que controla o vossô destino e, por êsse modo, obriga o indivíduo à obediência, à reverência e à adoração, nesse caso tereis tambem que reconhecer o que há de implícito nesse conceito. Â profunda aceitação dêsse poder divino, deve seguir-se uma completa reorganização social e moral. Esta aceitação baseia-se na fé, que deve, forçosamente, gerar o mêdo, embora o disfarceis afirmando ser amor. Aceitais esta idéia religiosa porque nela há a promessa da imortalidade pessoal. A sua moral acha-se sutilmente baseada na auto-perpetuação, na recompensa e na punição. Nessa concepção há também a idéia da consecução, a da finalidade e do êxito egoístas. E, se a aceitardes, tereis que procurar guias, mestres, caminhos, disciplinas e perpetuar as muitas formas sutís de autoridade.

Existem estas duas categorias de pensamento que devem, inevitàvelmente, entrar em agudo conflito. Cada um de nós tem que descobrir por si mesmo

se qualquer destas concepções aparentemente contraditórias, relativas ao homem, é verdadeira; isto é, se o indivíduo é meramente a resultante das influências do meio ambiente e da hereditariedade, que desenvolvem nele certas peculiaridades e caraterísticas, ou se existe algum poder oculto que esteja guiando, controlando, forçando o destino e o preenchimento do homem. Ou aceitais simultâneamente estas duas concepções, embora diametralmente opostas, ou procedeis a uma escolha entre elas, isto é, à escolha entre a arregimentação do pensamento e expressão do indivíduo, e a concepção religiosa de que alguma inteligência invisível cria, encaminha e modela o futuro e a felicidade do homem, idéia esta baseada na fé, no anseio de auto-perpetuação que impede o verdadeiro discernimento. Agora, se fôrdes indiferentes a essa idéia, ainda assim, vossa indiferença mais não é que um indício de irreflexão, portanto, um preconceito que impede a verdadeira compreensão.

A escolha é baseada no agrado e no desagrado, no preconceito e nas tendências, e, assim, perde todo o valor. Ao invés de pertencerdes a qualquer dêstes dois grupos ou de serdes forçados a proceder a uma escolha, digo-vos que há uma diferente maneira de tratar da compreensão da individualidade, do homem. Êste modo de tratá-la repousa no discernimento direto, pela prova da ação, sem que sejam violados o bom senso e a inteligência. Como haveis-de, individualmente, descobrir se o homem é divino na limitação ou mero joguete dos acontecimentos sociais ?

Êste problema perde o seu simples significado intelectual e torna-se extraordinàriamente vital quando o pondes à prova na ação. Como se deve, pois, agir ? Como se deve viver?

Se aceitardes a idéia de que sois apenas uma entidade social, a ação tornar-se-á aparentemente simples; sereis então adestrados pela educação, pela compulsão sutil e pela infiltração constante de certas idéias, a vos conformar com um certo padrão de conduta e de relações mútuas. Por outro lado, se verdadeiramente aceitássseis a concepção religiosa de qualquer poder invisível que controla e guia a vossa vida, em consequência, a vossa ação no mundo possuiria um significado totalmente diferente daquele que tem agora. Então teríeis um diferente modo de agir, que seria moralidade para com outros indivíduos e com a sociedade; isto implicaria a cessação das guerras, das distinções de classe e da exploração.

Como, porém, êste mútuo e verdadeiro modo de agir não existe no mundo, é óbvio que estais inteiramente incertos sôbre o significado real da individualidade e da ação. Pois que, se verdadeiramente aceitássseis a idéia religiosa de serdes guiados por alguma entidade suprema, então, talvez a vossa ação moral e social fosse sã, equilibrada e inteligente; como, porém, não o é, vós, òbviamente, não aceitais essa idéia, embora professeis aceitá-la. Daí as múltiplas igrejas com suas várias formas de exploração. Se sustentardes que nada mais sois do que uma entidade social, de maneira idêntica deverá haver uma

completa mudança na vossa atitude e na vossa ação. Ora, esta modificação completa não se operou. Tudo isso indica, portanto, que vos achais num estado de letargia, seguindo apenas as vossas próprias idiosincrasias.

Estar completa e vitalmente incerto é essencial, afim de compreender o processo da individualidade, de averiguar o que é permanente, de descobrir o que é verdadeiro. Por vós mesmos tendes que verificar se vos encontrais nesse estado de completa incerteza, não aceitando o indivíduo como uma entidade social, com tudo que lhe é implícito, nem tão pouco como algo de supremo, divinamente guiado, e com tudo mais que essa idéia implica. Só então existirá uma possibilidade de verdadeiro discernimento e compreensão.

Se estais nesse estado — como a maioria das pessoas que pensam devem estar — sem seguir qualquer dogma, crença, ou ideal, então percebereis que para compreender isto necessitais de saber o que sois. Não vos é possível compreender qualquer outro processo — o mundo, como sociedade, é uma série de processos que estão em estado de nascença, de vir a ser — exceto aquele que está focalizado no indivíduo sob a forma de conciência. Se puderdes compreender o processo da conciência, da individualidade, existirá, então, uma possibilidade de compreenderdes o mundo e seus acontecimentos. Só se discerne a realidade quando se conhece e se compreende o processo transitório do "eu". Se me puder compreender a mim mesmo, o que sou e como venho a ser,

se o "eu" é uma entidade em si própria e qual a natureza da sua existência, então haverá uma possibilidade de compreender o real, o verdadeiro.

Vou explicar êste processo do "eu" da individualidade. Existe a energia que é única para cada indivíduo e que não tem comêço. Esta energia — por favor não lhe atribuais divindade alguma nem lhe outorgueis nenhuma qualidade particular — em seu processo de desenvolvimento auto-ativo, cria sua própria substância ou material, que é sensação, discernimento e conciência. Isto é o abstrato como conciência. A realidade é ação. Naturalmente não existe uma divisão tão absoluta. A ação proveniente da ignorância, que existe onde há preconceitos, tendências, anseios, deve dar lugar à tristeza. Torna-se, portanto, a existência um conflito, um atrito. Quer dizer, a conciência é, ao mesmo tempo, discernimento e ação. Pela constante ação recíproca entre êsses anseios, preconceitos, tendências e as limitações que esta ação vai criando, surgem atritos ou, seja, o processo do "eu".

Se examinardes isto com profundeza, percebereis que a individualidade é sòmente uma série de limitações, uma série de ações acumuladas, de obstáculos, que dão à conciência a identidade denominada "eu". O "eu" é sòmente uma série de lembranças, de tendências que nascem do anseio, e a ação é o atrito entre o anseio e seus objetivos. Se a ação fôr o resultado de um preconceito, do temor, de uma crença qualquer, então produzirá outra limitação. Se houverdes sido criado em uma crença re-

ligiosa particular, ou se tiverdes desenvolvido uma tendência particular, isso tem que criar resistência contra o movimento da vida. Estas resistências, estas auto-protetoras paredes egoístas de segurança, dão nascimento ao processso do "eu" que se vai mantendo a si mesmo por meio de suas próprias atividades.

Para vos compreenderdes, deveis tornar-vos concientes dêste processo de construção do "eu". Discernireis então que êste processo não tem princípio e, no entanto, pelo constante apercebimento e pelo esfôrço inteligente, pode ser conduzido a um fim. A arte de viver consiste na anulação do processo do "eu". E' uma arte que exige grande discernimento e esfôrço inteligente. Não podemos compreender qualquer outro processo exceto o da conciência, do qual depende a individualidade. Mediante o esfôrço inteligente, dá-se o discernimento da vinda à existência do processo do "eu", e anula-se êsse processo. Daí surge a beatitude da realidade, a beleza da vida como eterno movimento.

Podeis pôr isto à prova por vós mesmos, porque não exige fé alguma nem depende de nenhum sistema de pensamento ou crença. Exige ùnicamente o apercebimento integral e o esfôrço inteligente que dissolvem as ilusões e limitações auto-criadas, trazendo, assim, à existência a beatitude da realidade.

PERGUNTA: — Um desejo legítimo de espalhar felicidade em derredor e de ajudar a tornar êste mundo um lugar mais nobre para todos viverem,

orienta-me na vida e pauta as minhas ações. Esta atitude faz com que use a riqueza e o prestígio que possuo, não como um meio de auto-satisfação, porém, apenas como um depósito sagrado e um subsídio para as necessidades da vida. Que haverá de fundamentalmente errôneo em tal atitude? Serei culpado de explorar meus amigos e meus semelhantes?

KRISHNAMURTI: — Se estais explorando ou não, depende do que entendeis por auxiliar e espalhar felicidade. Podeis auxiliar a outrem e, por êste modo, escravizá-lo; ou auxiliá-lo à compreensão de si mesmo e, portanto, a preencher-se profundamente. Podeis espalhar felicidade alimentando a ilusão, proporcionando o confôrto e a segurança superficiais que pareçam duradouros, ou auxiliar outrem a discernir as múltiplas ilusões de que se acha cativo; se fôrdes capazes de fazer isto, então não estareis explorando. Mas, afim de não explorardes fundamentalmente, deveis libertar-vos dessas ilusões e confortos, em que vós ou outrem estejais aprisionados. Precisais discernir as vossas próprias limitações antes de verdadeiramente poderdes ajudar a outrem. Muitas pessoas em todo o mundo, desejam ardentemente auxiliar os outros, porém êsse auxilio geralmente consiste em convertê-los à sua própria crença, sistema, ou religião particulares. Isto nada mais é que a substituição de uma espécie de prisão por outra. Semelhante troca não traz compreensão, apenas cria confusão maior. Na compreensão profunda de nós próprios, reside o êxtase pelo qual cada indivíduo luta e se esforça.

PERGUNTA: — Não pensais que seja necessário passar pela experiência da exploração afim de aprender a não explorar, adquirir afim de eliminar o espírito de aquisição e assim por diante?

KRISHNAMURTI: — E' uma idéia muito confortadora essa de que deveis primeiro possuir para depois aprender a não adquirir.

A aquisição é uma forma de prazer e durante o seu processo, isto é, enquanto se está adquirindo, ajuntando, advém sofrimento, e afim de o evitardes, começais a dizer a vós próprios: "não devo adquirir". Não ser aquisitivo torna-se então uma virtude nova, um novo prazer. Se, porém, examinardes o desejo que vos impulsiona a não adquirir, verificareis que está baseado em um outro desejo mais profundo, o de vos protegerdes contra a dor. Portanto, estais realmente buscando prazer em ambas: na aquisividade e na não aquisividade. Fundamentalmente, pois, aquisividade e não aquisividade são a mesma cousa, pois ambas decorrem do desejo de não ser envolvido pelo sofrimento. O desenvolver uma qualidade particular cria apenas um muro de auto-proteção, de resistência contra o movimento da vida. Nesta resistência, dentro destas aprisionantes paredes auto-protetoras residem a tristeza e a confusão.

Existe, entretanto, um meio diferente de encarar êste problema dos opostos. E' discernir diretamente, perceber integralmente que todas as tendências e virtudes encerram em si seus próprios opostos; e que, desenvolver um oposto, é fugir à atualidade.

Seria, por acaso, verdadeiro dizer-se que necessitais odiar para amar? Isto jamais acontece, na realidade. Amais, e porque no vosso amor há espírito de posse, surgem, o malôgro, o ciúme e o temor. Êste processo desperta o ódio. Começa então o conflito dos opostos. Se o espírito de aquisição em si já é feio e mau, porque então desenvolver o seu oposto? Pelo fato de não discernirdes que êle *é* feio e mau, mas quererdes evitar a dor em que êle implica, desenvolveis o seu oposto. Todos os opostos devem criar conflito por serem essencialmente ininteligentes. O homem medroso desenvolve a bravura. Êste processo de desenvolver a coragem é, realmente, uma evasão ao mêdo; se, porém, êle discernir a causa do mêdo, êste, naturalmente, cessará. — Por que não é êle capaz de discernimento direto? — Porque, se houver percepção direta, tem que haver ação e, para evitar a ação, desenvolvemos o oposto, estabelecendo-se assim uma série de fugas sutís.

PERGUNTA: — Como entidades sociais temos várias responsabilidades, tais como as de trabalhadores, eleitores e chefes executores. Presentemente, a base da maioria destas atividades é a divisão de classes, a qual estimulou uma conciência de classe. Se derrubarmos essas barreiras causadoras de tanto caos econômico e social, tornar-nos-emos imediatamente anti-sociais. Que contribuição tendes de dar à solução dêste problema do mundo moderno?

KRISHNAMURTI: — Imaginais realmente que seja anti-social romper com êste sistema de exploração, de conciência de classe, de competição? Certa-

mente que não o é. Temos mêdo de criar caos — como se presentemente não houvesse confusão — rompendo êsse sistema de divisão e exploração; se, porém, houver o discernimento de que a exploração é inerentemente errônea, então se dará o despertar da verdadeira inteligência, a única que pode criar ordem e o bem-estar para o homem. O sistema agora existente baseia-se na segurança individual, segurança e confôrto que se acham implícitos na imortalidade e no bem-estar econômico. Certamente, é esta existência aquisitiva que é anti-social e não a quebra de uma concepção e de um sistema que são essencialmente falsos e insensatos. Êste sistema está criando grande caos, confusão e ocasionando guerras. Presentemente, somos anti-sociais em virtude das nossas finalidades de persecuções aquisitivas, seja de Deus, ou de riqueza. Uma vez que estamos colhidos neste processo de aquisição, seja de virtude ou de poder na sociedade, uma vez que somos apanhados nesta máquina que nós próprios criámos, devemos inteligentemente libertar-nos dela. Um tal ato de inteligência não é anti-social, é ato de bom senso e de equilíbrio.

PERGUNTA: — Não achais utilidade na opinião pública? Não será a psicologia da massa importante para os condutores de homens?

KRISHNAMURTI: — A opinião pública é geralmente moldada pelas tendências dos "leaders" e, deixar-se moldar por essa opinião, seguramente, não é inteligente. Não é espiritual, se vos apraz usar esta palavra. Tomai por exemplo a guerra. Uma cousa

é morrer voluntàriamente por uma causa, e outra, muito diferente, é um grupo de pessoas ou um conjunto de "leaders" mandar-vos para matar ou para ser mortos. A psicologia da multidão é desenvolvida e propositadamente utilizada para vários fins. Nisso não há inteligência.

PERGUNTA: — Tudo quanto colhi de vossos escritos e palestras é uma insistência sôbre o auto-desnudamento, a necessidade de remover todo o confôrto e alívio emocional. Como isto não me torna mais feliz, porém, de fato, menos feliz do que antes, para mim a vossa instrução só traz uma nota destruidora. Qual o seu lado construtivo, se é que o tem?

KRISHNAMURTI: — Que entendeis por auxílio construtivo? Dizer-vos o que fazer? Dar-vos um sistema? Ter alguem que vos oriente e guie? Dizer-vos como meditar ou que espécie de disciplina deveis seguir? Será isto, realmente, construtivo ou destrutivo da inteligência?

Qual o motivo que determinou esta pergunta? Se a examinardes vereis que se baseia no mêdo, mêdo de não realizar o que se chama felicidade, verdade; mêdo e desconfiança do próprio esfôrço e da incerteza. Aquilo a que chamaríeis ensinamento positivo, é completamente destruidor da inteligência, fazendo-vos inconsiderados e automáticos. Desejais que se vos diga o que deveis pensar e como agir; no entanto, um ensinamento que insiste em dizer que por meio da vossa própria ação ignorante — ignorância sendo a falta de compreensão de si próprio — estais criando e perpetuando a limitação e a tris-

teza, a tal ensinamento considerais destrutivo. Se verdadeiramente compreenderdes o que estou dizendo, discernireis que não é negativo. Ao contrário, vereis que resulta numa formidável confiança em si mesmo e, portanto, vos dará a fôrça da percepção direta.

PERGUNTA: — Que relação tem a memória com o viver?

KRISHNAMURTI: — A memória atua como resistência contra o movimento da vida. A memória nada mais é que as múltiplas camadas de respostas auto-protetoras contra a vida. Dest'arte a ação ou experiência, ao invés de libertar, cria ainda mais limitação e tristeza. Estas memórias, com suas tendências e anseios, formam a conciência em que se baseia a individualidade. Daí surgem a divisão, o conflito e a tristeza.

O caos, o conflito e a miséria do presente, só podem ser compreendidos e resolvidos quando cada indivíduo discernir o processo de ignorância que êle está engendrando pela sua própria ação. Para dar lugar à ordem e ao bem-estar do homem, cada um, por meio do próprio e inteligente esfôrço, tem que discernir êsse processo e conduzí-lo ao fim. Isto exige uma vigilância da mente, um esfôrço inteligente, não o seguir um sistema particular de pensamento, nem uma disciplina da mente e do coração com o objetivo de alcançar aquela realidade que não pode ser descrita nem concebida. Sòmente quando a causa da tristeza é dissolvida, há a beatitude da realidade.

1.º de junho de 1936.

PALESTRAS EM NOVA YORK

II

Em meio de grande confusão e esfôrço, achamo-nos colhidos na luta pelo êxito e pela segurança e, por isso, perdemos o profundo sentimento da vida, a verdadeira sensibilidade que é a essência da compreensão. Admitimos intelectualmente que existe a exploração, a crueldade, porém, de certo modo, não há aquela compreensão que conduz à ação e mudança drásticas. A ação verdadeira e vital só pode brotar de uma visão compreensiva e inteligente da vida.

Existem todas as formas concebíveis de exploração nas atividades sociais, religiosas e criativas do homem.

Vemos o homem vivendo do homem, fazendo os outros trabalhar para seu lucro e vantagem pessoal, comprando e vendendo para seu próprio benefício, buscando e estabelecendo cruelmente a sua própria segurança. Há distinções de classe com seus antagonismos e ódios. Há distinções no trabalho. Uma espécie é encarada como superior e outra como inferior, um tipo é desprezado e outro louvado. E' um

sistema de competição e cruel eliminação daqueles que, talvez, menos astuciosos, menos agressivos, não teem tido as felizes oportunidades da vida.

Temos orgulho racial e preconceitos de nacionalidade que frequentemente nos conduzem à guerra, com todos os seus horrores e crueldades. E nem mesmo os animais escapam à crueldade do homem.

Temos, a seguir, a exploração feita pelas religiões, com suas crueldades, a competição entre os credos com suas igrejas, deuses e templos. Cada sistema de crença e fé sustenta o seu próprio direito divino, sua própria certeza de conduzir o homem ao altíssimo, e o indivíduo perde aquela verdadeira experiência religiosa que não está embaraçada pelas crenças, pelos dogmas da religião organizada. Existe a superstição sistematizada em nome da realidade, a instilação e a manutenção do mêdo com suas afirmações e doutrinas. Existe, assim, confusão de crenças, ideais e doutrinas.

E, no campo do trabalho criador, há um abismo imenso entre a expressão criadora e a arte de viver. Neste trabalho criador há ambição pessoal, auto-conceito e competição, produzindo uma reação superficial que, frequentemente, é confundida com a expressão criadora e o preenchimento.

Nessa civilização, somos forçados, quer nos agrade quer não, mediante um sistema que cada indivíduo ajudou a criar, a viver sem profundo preenchimento, e poucos escapam às suas crueldades. Em todos os departamentos da vida há confusão, misé-

ria, e cada um de nós, como entidade social e religiosa, se acha preso nessa máquina de exploração e crueldade. Alguns são concientes dêste processo com sua tristeza e, embora reconheçam a sua fealdade, continuam a conservar os velhos hábitos de pensamento e ação, dizendo, a si próprios, que são forçados a viver neste mundo. Há outros totalmente inconcientes dêsse sistema de miséria.

Quando começardes a examinar as várias idéias aventadas para solução da miséria humana, percebereis que elas se dividem em dois grupos: um que sustenta ser necessária a completa reorganização social do homem, de modo que a exploração, o espírito de aquisição e as guerras possam cessar; outro que afirma e enaltece as atividades volitivas do homem.

E' errôneo exaltar qualquer delas. A reorganização social é òbviamente necessária. Porém, se examinardes crìticamente esta idéia da organização do homem e sua expressão, percebereis, se não fôrdes arrastados pelas suas certezas superficiais de resultados imediatos de segurança e confôrto, que nela há muitos e graves perigos. A mera criação de um novo sistema pode tornar-se outra prisão em que o homem será encerrado, sòmente com dogmas, idéias e credos diferentes.

Há os que sustentam que o pão deve ser colocado em primeiro lugar e que as outras cousas vitais para o homem se seguirão acertadamente. Isto é, sustentam que deve haver o contrôlo do ambiente e que por meio disso pode o homem chegar ao seu ver-

dadeiro preenchimento. Êste realce exclusivo dado ao pão, frustra seu próprio desígnio, pois não vive o homem sòmente pelo pão.

Assim, pois, a qual dos dois daremos primazia, ao interno ou ao externo? Deveremos começar primeiro pelo externo, pelo contrôlo, direção e domínio, ou preferiremos o processo interno do homem? Enaltecer um ou outro, é destruir sua própria finalidade. Dividir o ser humano em exterior e interior é impedir a sua verdadeira compreensão. Para compreender o problema da distinção de classe, das guerras, da exploração, crueldades, ódios, do espírito de aquisição, precisamos discernir o homem como um todo e, dêste ponto de vista, considerar as suas atividades, desejos e preenchimento.

Encarar o homem como simples resultado do ambiente ou da hereditariedade, dar valor sòmente ao pão e pôr de lado o processo interior, ou preocuparmo-nos inteiramente com êste e abandonar o exterior é completamente errôneo e tem que conduzir sempre à confusão e à miséria. Precisamos compreender o homem como um todo integral; não como uma entidade com funções separadas, tais como as de trabalhador, de cidadão ou de entidade espiritual, porém sim como um ser inter-dependente, inter-atuante, completo. Necessitamos de introspecção, afim de saber que a ignorância, quanto ao nosso próprio ser, é a condição prévia de toda a tristeza e conflito. Enquanto não compreendermos a *nós próprios* — o oculto e o conciente — com o que fizermos, em

qualquer campo de atividade, teremos, inevitàvelmente, de criar tristeza.

Esta compreensão de si próprio — isto é, do processo de construção do "eu" com sua ignorância, tendências e ansiedades — tem que se tornar atual e não permanecer teórica. Ela só pode tornar-se atual, real para vós, se discernirdes e compreenderdes, por meio da experimentação, que o processo da ignorância pode ser levado a têrmo. Com a cessação da ignorância — sendo ignorância, sempre, falta de compreensão de si próprio e do processo do "eu" — há realidade e a beatitude da iluminação.

Há duas espécies de experiência, a do desejo e a da atualidade. Para experimentar, porém, o atual, o real, as experiências do desejo devem cessar. A experiência do desejo é a mera continuação da auto-conciência separatista, e esta impede a compreensão da atualidade. Embora penseis estar experimentando o atual, estareis, na verdade, fazendo a experiência dos vossos próprios desejos e êsses desejos se tornam tão reais, tão concretos, tão definidos que os tomais pela realidade. A experiência do desejo continua a criar divisão e conflito.

Quais os resultados das experiências do desejo? São as coberturas ou máscaras que desenvolvemos por meio das nossas atividades volitivas, baseadas no mêdo e na busca de segurança, a segurança dêste mundo, com seu espírito de aquisição ou a do além com suas esperanças e ansiedades, a segurança da opinião, das crenças e dos ideais. Estas máscaras e disfarces, produtos da atividade volitiva da

ansiedade, continuam o processo sem comêço do "eu", essa conciência a que chamamos individualidade. Enquanto existirem estas máscaras, não pode haver compreensão do real, do atual.

Perguntareis: Como posso viver, existir sem alguma ansiedade ou desejo? Fazeis esta pergunta porque para vós esta concepção é apenas teórica, e como não tendes experimentado, não provastes por vós mesmos a sua validade, a sua atualidade. Se experimentardes, percebereis que podeis viver sem ansiedade, integral, completa, atualmente, e por êsse modo compreender a realidade, a beleza e a plenitude da vida. Se podeis ou não viver, trabalhar e criar sem ansiedades, sem desejos, é cousa que não pode ser descoberta por outrem, para vós, mas ùnicamente por vós mesmos.

Enquanto o processo de reconstrução do "eu" for prosseguindo por meio das experiências do desejo, tem que haver confusão, tristeza e atrito, de que a mente procura escapar na busca da imortalidade ou de outro confôrto e segurança, engendrando, assim, o processo da exploração. Com a cessação de todas as experiências do desejo, que sustentam a individualidade separatista, há a realidade sem nome, imensurável, a beatitude. Para serdes capazes de experimentar a realidade, deveis libertar-vos de todas as máscaras que tendes desenvolvido na luta pela aquisição, nascida da ansiedade.

Estas máscaras não escondem a realidade. Tendemos a pensar que libertando-nos dessas máscaras encontraremos a realidade, ou que retirando as múl-

tiplas camadas do desejo descobriremos o que está oculto. Assim, presumimos que por detraz desta ignorância ou nas profundezas da conciência ou, ainda, além dêste atrito da vontade, da ânsia, está a realidade. Esta conciência de muitas máscaras, de muitas camadas, não esconde dentro de si a realidade.

Porém, à medida que começamos a compreender o processo de desenvolvimento dessas máscaras, dessas camadas de conciência, e à proporção que a própria conciência se liberta de seu crescimento volitivo, manifesta-se a realidade. A nossa concepção de que o homem é divino, porém limitado, de que a beleza está oculta pela fealdade, de que a sabedoria está soterrada sob a ignorância, de que a inteligência suprema se oculta na treva, é completamente errônea. No discernir como por meio desta ignorância sem comêço e de suas atividades surgiu o processo do "eu" e no levar êsse processo a um têrmo reside a iluminação. E' uma experiência daquilo que é imensurável; que não pode ser descrito, porém que "É".

Como se há-de chegar a discernir esta ignorância sem comêço, com suas atividades volitivas? Como levá-la a seu fim? Como nos poderemos tornar profundamente pensantes, integralmente apercebidos do processo da conciência com suas múltiplas camadas de tendências, ansiedades, ódios e desejos? Pode qualquer disciplina ou sistema ajudar-nos a reconhecer e a pôr têrmo a êsse processo de ignorância e tristeza?

Pela experimentação, percebereis que nenhum

sistema, nenhum guia e nenhuma disciplina jamais vos poderá ajudar a discernir êsse processo ou a pôr têrmo à ignorância. Necessitais de uma mente plástica, ardente, capaz de discernimento direto no qual não haja escolha. Como, porém, a vossa mente se acha preconcebida, dividida em si mesma, é incapaz de verdadeiro discernimento. Como estais imbuidos de preconceitos, tendes que vos aperceber dêste fato antes de começar a discernir o que é real e o que é ilusório. Para discernir deve haver apercebimento. Deveis aperceber-vos do movimento do vosso pensamento e da sua atividade. Tudo que fizerdes, fazei-o com plenitude de mente, e percebereis que neste processo de despertar, muitos pensamentos e ansiedades sutís e ocultos, se revelam. Quando a mente já não está limitada pela escolha, dá-se a experiência da atualidade. Porque a escolha baseia-se no desejo e, onde houver desejo, não pode haver discernimento. Pelo esfôrço inteligente, oriundo do interêsse desperto, o processo sem comêço da ignorância, com suas auto-mantenedoras atividades, é conduzido a um fim. E' pelo esfôrço inteligente que a mente, libertando-se de seus temores, tendências e ansiedades auto-criadas, é capaz de discernir o real, o imensurável.

PERGUNTA: — Perdi todo o entusiasmo e interêsse pela vida que tinha outrora. Possuo o suficiente para as minhas necessidades materiais e no entanto a vida é, agora, para mim, uma casca vazia e sem propósito, uma existência dolorosa que se vai arrastando lentamente. Poderíeis externar alguns pensa-

mentos que possìvelmente me servissem de auxílio para romper esta esfera de aparente vácuo, sem esperança ?

Krishnamurti: — Perde-se o entusiasmo e o interêsse pela vida quando não há preenchimento. Enquanto o indivíduo é apenas escravo de um sistema ou é meramente adestrado a adaptar-se a um particular molde social ou a ajustar-se de modo impensado a uma modalidade estabelecida de conduta, não pode haver preenchimento. Na simples resposta a uma reação e no pensar que ela é a plena expressão do nosso ser, tem que haver frustração; e onde houver frustração deve haver vacuidade e sofrimento.

Se o indivíduo estiver plenamente conciente da frustração, então haverá alguma esperança, porque ela criará tal miséria e descontentamento que o indivíduo será forçado a despojar-se das múltiplas tendências que desenvolveu pelo desejo, e a libertar-se das ilusões e imposições da opinião. Isto exige esfôrço inteligente, pois é necessário romper com o antigo e firmado hábito de pensamento e ação. Onde há malôgro tem que haver vacuidade, vazio doloroso e sofrimento; porém, preencher é árduo, requer profunda compreensão e mente-coração alerta.

Pergunta: — Não será o desejo de segurança um instinto natural semelhante ao da auto-proteção em presença do perigo? Como pois, havemos de sobrepujá-lo e porque havemos de tentar isto?

Krishnamurti: — A busca de segurança indica frustração e a constante atuação do mêdo. A

inteligência não tem relação com a concepção de segurança, ela promove o bem-estar do todo e não apenas do particular. Ora, cada um procura individualmente a própria segurança criando assim confusão e miséria. Cada qual se preocupa consigo mesmo, buscando sua segurança individual aquí e no além, entrando, assim, sempre, em conflito com os outros que também procuram a sua finalidade. Há assim, constante atrito, antagonismo, ódio e luta. Só a inteligência pode dispor humanamente as necessidades da vida para todos. Isto é realidade e para experimentá-la tendes que discernir o verdadeiro significado da segurança. Se refletirdes profundamente sôbre isto, percebereis que essa idéia de buscar segurança não tem valor perdurável, quer aquí quer no além. Isto tem sido provado repetidamente durante as sublevações (upheavals). Porém, a-pesar-disto, cada qual procura a sua segurança e assim continua a viver em constante temor e confusão. Onde não houver busca de segurança, sòmente aí poderá estar a beatitude do real.

PERGUNTA: — Diz-se que o exemplo é superior ao preceito. O valor de um exemplo pessoal, como o vosso, não poderá ser para outrem de valor considerável?

KRISHNAMURTI: — Qual o motivo oculto nesta pergunta? Não desejará o interrogante seguir um exemplo, pensando que isso o possa conduzir ao preenchimento? Seguir a outrem jamais conduz ao preenchimento. Uma violeta jamais pode tornar-se rosa, porém, a violeta em si mesma pode ser uma flor

perfeita. Estando-se incerto busca-se a certeza na imitação de outrem. Isto produz o mêdo, do qual surge a ilusão da proteção e do confôrto vindos de outrem, e as múltiplas idéias falsas de disciplina, meditação e subordinação de nós próprios a um ideal. Tudo isto apenas indica a falta de compreensão de nós mesmos, a perpetuação da ignorância. Isto é a raiz da tristeza; e, em lugar de discernirdes a causa, imaginais que podeis compreender a vós próprios por meio de outrem. A busca do exemplo de outrem conduz apenas à ilusão e ao sofrimento.

Enquanto não nos compreendermos não poderá haver preenchimento. O preenchimento não é um processo de racionalização nem a mera colheita de informações, tão pouco se encontra por meio de outrem, ainda que seja grande. E' a fruição do profundo entendimento da nossa própria existência e das nossas ações.

PERGUNTA: — Se a reincarnação é um fato da natureza, assim como a idéia de que o *ego* reincarna até atingir a perfeição, o atingimento da perfeição ou verdade não envolve tempo?

KRISHNAMURTI: — Perguntamos frequentemente se a reincarnação é uma realidade, porque não podemos encontrar felicidade inteligente nem preenchimento do indivíduo no presente. Se estamos em conflito e miséria e não temos oportunidade nem esperança nesta vida, ansiamos por uma vida futura de preenchimento, liberta de luta e dor! A êste es-

tado futuro de felicidade gostamos de chamar perfeição.

Para compreender esta pergunta, precisamos descobrir o que é o *ego*. O ego não é algo de real em si mesmo, semelhante a uma lagarta que vai de folha em folha, vagueia de uma existência para outra, colhendo experiências e aprendendo a sabedoria até chegar ao mais alto ponto que imaginamos ser a perfeição. Esta concepção é errônea, é apenas uma opinião e não uma realidade. O processo real do "eu", do ego, só pode ser discernido ao percebermos como por meio da ignorância, das tendências, das ansiedades, êle se reconstrói a si mesmo e como a sua continuidade é restabelecida a cada momento. A vontade da ânsia (*The will of craving*) perpetua-se por meio das próprias atividades volitivas. Por meio desta ação da ignorância e seu processo auto-mantenedor, a limitação, como conciência, cria sua ulterior limitação e tristeza. Toda a existência fica presa neste círculo vicioso.

Pode esta limitação, êste atrito, esta resistência contra o movimento da vida conhecida como ego, jamais tornar-se perfeita? Pode a ansiedade tornar-se perfeita? Por certo que o egoísmo não pode tornar-se mais nobre, mais puro; o egoísmo tem que permanecer sempre o que é. Esta idéia de que por meio do tempo o ego se tornará perfeito é, de todo, falsa e errônea.

O tempo é a resultante dessas atividades volitivas da ansiedade, que ligam e dão um sentimento de continuidade à vida, a qual, na realidade, está

sempre em estado de nascimento, um estado que jamais foi e que jamais será, porém um estado que está sempre vindo a ser de novo, sempre em movimento.

O ponto de importância vital é, para cada um, descobrir se pela ignorância, com suas atividades volitivas, o processo do "eu" se perpetua ou não. Se êste processo auto-mantido continua, não pode existir aquilo que é real, que é verdadeiro. Só com a cessação da vontade oriunda da ansiedade, com suas experiências do desejo, é que haverá realidade. Êste processo, sem comêço, do "eu", com suas limitações auto-ativas, não pode ser provado. Deve ser discernido. Não depende de fé, mas de profunda compreensão, do integral apercebimento, do esfôrço inteligente para discernir como a ansiedade cria sua própria limitação e como qualquer ação dela nascida tem que ulteriormente gerar atrito, resistência e tristeza.

PERGUNTA: — Qual a vossa impressão sôbre a técnica psico-analítica de tratar das fixações, das inibições, e dos complexos, e que faríeis em relação a tais casos?

KRISHNAMURTI: — Pode outra pessoa libertar-vos dessas limitações ou é isso um mero processo de substituição? O objetivo do psico-analista tornou-se um boneco de engonço. (Riso). Não riais, por favor. Talvez não procureis um psico-analista, porém passais pelo mesmo processo, de maneira diferente, quando tendes em vista uma instituição religiosa, um

"leader" ou uma certa disciplina que vos liberte das fixações, das inibições e dos complexos. Estes métodos podem alcançar êxito no sentido de produzir efeitos superficiais, porém, inevitàvelmente, teem que desenvolver novas resistências contra o movimento da vida. Não há pessoa nem técnica que possa realmente libertar-vos dessas limitações. Para experimentar essa liberdade tem-se que compreender a vida profundamente, e discernir por si próprio o processo de criar e manter a ignorância e a ilusão. Isto exige mente alerta e percepção aguda, não a mera aceitação de uma técnica. Como, porém, se é indolente, depende-se de outrem para a compreensão, e, por êsse modo, aumenta-se a tristeza e a confusão.

A compreensão dêste processo de ignorância e suas atividades auto-mantidas, a compreensão desta conciência focalizada no indivíduo e sòmente por êle perceptível, é a única que pode produzir profunda e perdurável felicidade no homem.

4 de junho de 1936.

PALESTRAS EM EDDINGTON — PENNSYLVANIA

I

E' importante perguntardes a vós mesmos porque vindes a estas reuniões e o que estais procurando. A não ser que saibais isto por vós mesmos estareis sujeitos a uma grande confusão ao tentardes resolver os múltiplos problemas e situações que a todos se nos deparam.

Para compreenderdes a razão e o objetivo de vossa busca — se, na verdade, alguma cousa estais buscando — necessitais saber se estais encarando a vida do ponto de vista mecânico ou do ponto de vista da crença em outro mundo, chamado ponto de vista religioso. A maior parte das pessoas dirá que está trabalhando em prol de um mundo no qual a exploração do homem pelo homem, com suas crueldades, guerras e misérias apavorantes, venha a cessar. Enquanto todas elas concordam quanto a êste último objetivo, algumas aceitam o ponto de vista mecânico; outras, o ponto de vista religioso da vida.

O ponto de vista mecânico da vida é o de que, sendo o homem apenas um produto do ambiente e de

várias reações, perceptíveis apenas aos sentidos, o ambiente e as reações devem ser controlados por um sistema racional que permita ao indivíduo funcionar apenas dentro do seu âmbito. Por favor, compreendei o pleno significado dêste ponto de vista mecânico da vida. Ele não concebe nenhuma entidade suprema, transcendental, nada que possua continuidade; esta visão da vida não admite sobrevivência de espécie alguma após a morte; a vida, assim, é apenas um curto lapso conducente ao aniquilamento. Como o homem nada mais é que o resultado das reações ambientes, preocupado com a busca da própria segurança egoísta, ajudou a criar um sistema de exploração, de crueldade e guerra. Portanto, suas atividades devem ser modeladas e guiadas pela mudança e contrôlo do ambiente.

O ponto de vista mecânico da vida priva o homem da verdadeira experiência da realidade. Esta não é uma experiência qualquer, fantástica, imaginativa, porém aquela que se manifesta quando a mente está livre de todos os estorvos do mêdo, do dogma, da crença e daquelas doenças psicológicas que resultam das restrições e limitações que aceitamos em nossa busca de auto-proteção, segurança e confôrto.

Veem depois aqueles que aceitam a opinião de que o homem é essencialmente divino, que seu destino está controlado e guiado por alguma inteligência suprema. Estes afirmam que estão buscando Deus. a perfeição, a libertação, a felicidade, um estado de ser no qual cesse todo o conflito subjetivo. Sua crença numa entidade suprema, orientadora do des-

tino do homem, baseia-se na fé. Êsses hão de dizer que essa entidade transcendente, a suprema inteligência, criou o mundo, e que o "eu", o ego, o indivíduo é algo de permanente em si mesmo e possue qualidade eterna.

Se pensardes criticamente a êste respeito percebereis que essa concepção, baseada na fé, conduziu o homem dêste mundo para um mundo de conjecturas, esperanças e idealismo, ajudando-o, assim, a fugir do conflito e da confusão. Esta atitude relativa a outro mundo, baseada na fé e, portanto, no mêdo, desenvolveu crenças, dogmas, cerimônias e estimulou a moral da segurança individual, tornando-se um sistema de escapulas dêste mundo de dor e conflito; produziu uma divisão entre o atual e o ideal, entre o aquí e o além, entre a terra e o ceu, entre o interior e o exterior. E, dessa concepção, desenvolveu-se uma moral baseada no temor, na aquisição, na segurança individual e no confôrto, aquí e no além, e numa série de valores imorais, hipócritas e malsãos, em completa disparidade com a vida. Essa concepção da vida com suas escapulas, baseada na fé, priva também o homem da verdadeira experiência da realidade.

Portanto, ou o indivíduo está ligado à fé com seus temores, crenças e disciplinas organizadas; ou, rejeitando a fé, aceita o ponto de vista mecânico da vida, com suas doutrinas, suas crenças racionalizadas e a conformidade com um padrão de pensamento e conduta.

A maior parte das pessoas pertencem a um dêsses dois grupos, a um dêsses dois opostos. Os opostos jamais serão verdadeiros; e se nenhum deles é verdadeiro, como se há de compreender a vida, seus valores, moralidade e a profunda significação que se sente que ela tem ?

Existe um modo diferente de encarar a vida, não do ponto de vista dos opostos, da fé e da ciência, do temor e da mecanização; e êste consiste em compreender a vida, não como uma manifestação do universo, mas como um processo focalizado em cada indivíduo. Isto é, cada um tem que discernir o processo de vir-a-ser e o de cessação aparente, o processo de nascer e de morrer. Êsse processo só é integralmente perceptível pelo indivíduo, como conciência. Por favor, atentai neste ponto claramente. O processo que está em operação no universo ou num indivíduo só pode ser discernido quando focalizado em vós como indivíduos.

A inclinação a aceitar o ponto de vista mecânico da vida ou a abraçar a segurança e o confôrto que a fé oferece, não conduz ao verdadeiro discernimento daquilo que é. A realidade deve ser compreendida sòmente mediante o processo do "eu" como conciência, do qual surge a individualidade. Isto é, o indivíduo tem que compreender o processo do seu próprio vir-a-ser, que implica inteligência, agudo discernimento e apercebimento constante. Ao compreender-se o indivíduo integralmente a si mesmo, advém a possibilidade de possuir os verdadeiros valo-

tes da vida, as verdadeiras relações com outros indivíduos e com a sociedade.

Pertencer a qualquer dos dois grupos oponentes de pensamentos que mencionei, só conduzirá, por último, a maior confusão e miséria. Todos os opostos impedem o discernimento. Para o indivíduo discernir aquilo que é, precisa compreender a si próprio e, para efetuar isto, tem-se que atravessar todos os estorvos e limitações produzidas pela visão mecânica da vida ou pela fé; sòmente então é possível discernir, de maneira sã, sem violências, o processo do "eu" como conciência, do qual surge a individualidade.

Todas as cousas veem a ser pelo processo da energia que é única para cada indivíduo. Vós e eu somos resultantes dessa energia que no curso do seu desenvolvimento cria aqueles preconceitos, tendências e ansiedades que tornam único cada indivíduo. Ora, êsse processo que não tem começo, em seu movimento, em sua ação torna-se conciência por meio da sensação, percepção e discernimento. Essa conciência é perceptível pelos sentidos sob a forma de individualidade. Sua ação nasce da ignorância que é atrito. A energia, que é única para cada indivíduo, não deve ser glorificada.

Deveis tornar-vos apercebidos dêsse processo de perpetuar a ignorância como conciência, perceptível ao senso como individualidade, de modo que para vós êle seja uma realidade e não mais uma teoria. Sòmente então haverá mudança fundamental de valores, a única que pode produzir relações verda-

deiras do indivíduo para com o ambiente, para com a sociedade. Se fôrdes capazes de discernir êsse processo de ignorância, que não tem comêço, e puderdes compreender que lhe pode ser posto um fim por meio da cessação de sua própria atividade volitiva, então percebereis que sois integralmente donos de vosso destino, plenamente auto-confiantes e não dependentes das circunstâncias ou da fé, para vossa conduta e relações.

Para produzir essa profunda mudança de valores e estabelecer as relações inteligentes do indivíduo para com a sociedade, vós, como indivíduos, deveis libertar-vos concientemente da opinião mecânica da vida com as muitas cousas implícitas que ela tem e suas estruturas de superficial ajustamento. Deveis também libertar-vos dos estorvos da fé com seus temores, crenças e credos.

Pensais, às vezes, que a vida é mecânica e, outras vezes, quando sobrevém tristeza e confusão, reverteis à fé, buscando um ser supremo para vos guiar e ajudar. Vacilais entre os opostos, ao passo que sòmente pela compreensão da ilusão dos opostos é que vos podeis libertar de suas limitações e estorvos. Frequentemente, imaginais estar dêles libertos, porém, só o podereis estar radicalmente quando plenamente compreenderdes o processo de construção dessas limitações e lhes puzerdes têrmo. Não é possível que tenhais a compreensão do real, daquilo que é, enquanto êsse processo, sem comêço, de ignorância fôr perpetuado. Quando cessar êsse processo, que se mantém por si próprio mediante as suas ativida-

des volitivas de ansiedade, é que haverá aquilo que se pode chamar realidade, verdade, felicidade.

Para compreender a vida e possuir verdadeiros valores, necessitais perceber como estais colhidos pelos opostos e, antes de os rejeitardes, precisais discernir seu profundo significado. E, do próprio processo de vos libertardes dêles, nascerá a compreensão da ignorância sem comêço, que cria falsos valores e, por êsse modo, estabelece falsas relações entre o indivíduo e o seu ambiente, produzindo confusão, temor e tristeza.

Para compreender a confusão e a tristeza, vós, como indivíduos, necessitais discernir vosso próprio processo de vir-a-ser, por meio de intensidade de pensamento e apercebimento integral. Isto não quer dizer que vos devais afastar do mundo; ao contrário, implica a compreensão de numerosos valores falsos do mundo e a vossa libertação dêles. Vós mesmos haveis criado êsses valores e só por uma vigilância constante e pelo discernimento pode êsse processo de ignorância ter um têrmo.

PERGUNTA: — Não existe a possibilidade de que o apercebimento, que exige constante preocupação com os nossos pensamentos e sentimentos, venha a produzir uma atitude de indiferença para com os outros? Ensinar-nos-á êle a simpatia que é a sensibilidade para com os sofrimentots dos outros?

KRISHNAMURTI: — O apercebimento não é a ocupação com os nossos próprios pensamentos e sen-

timentos. Tal ocupação, que é introspecção, torna a ação objetiva e calcula os resultados de um ato. Nisso não pode haver simpatia nem plenitude de ser. Cada qual fica tão ocupado consigo mesmo, com suas próprias necessidades psicológicas, com sua própria segurança que se torna incapaz de simpatia.

Ora, o apercebimento não é isso. O apercebimento é o discernir, sem julgamento, o processo de criar muros auto-protetores e limitações por detrás das quais a mente toma abrigo e confôrto. Tomemos, por exemplo, a questão da fé, com seu temor e esperança. A fé vos proporciona confôrto, alívio, no infortúnio ou na tristeza. Sôbre a fé haveis construido um sistema de compulsão, de disciplina, um conjunto de valores falsos. Buscais abrigo por detrás da parede protetora da fé e essa parede vos impede o amor, a simpatia e a bondade; isso porque a vossa ocupação se refere a vós próprios, à vossa salvação, ao vosso bem-estar, neste mundo e no além.

Se começardes a estar apercebidos, a discernir como criastes êsse processo por meio do mêdo, como estais constantemente buscando abrigo, por detrás dêsses ideais, conceitos e valores, sempre que venha qualquer reação, então compreendereis que o apercebimento não é a ocupação com os vossos pensamentos e sentimentos, porém a profunda compreensão da loucura de criar êsses valores por detrás dos quais a mente se abriga.

Estamos, na maioria, inconcientes de que seguimos um modêlo, um ideal que nos está guiando através da vida. Aceitamos e seguimos o ideal porque

pensamos que êle nos ajudará a atravessar a confusão da existência. E' com isso que nos preocupamos em vez de compreendermos o processo integral da própria vida. Somos, portanto, inconcientes dêsse constante ajustamento a um ideal e jamais perguntamos porque êle existe; se porém tivéssemos de examiná-lo crìticamente, veríamos que um ideal é apenas um meio de fuga à atualidade, e que, conformando-nos com um ideal, permitimo-nos tornar-nos cada vez mais restritos, confusos e carregados de tristeza. No compreender o atual, com seus sofrimentos, espírito de aquisição, crueldades, e no eliminá-las está a verdadeira simpatia e afeto. Êste apercebimento não é ocupação com os nossos próprios pensamentos e sentimentos, porém um constante discernimento do que é verdadeiro, livre de escolha. Toda escolha se baseia na tendência, na ansiedade e na ignorância, que impedem o verdadeiro discernimento. Se há escolha, não pode haver apercebimento.

PERGUNTA: — Pela observação inteligente da vida de outras pessoas pode-se frequentemente chegar a conclusões valiosas para nós mesmos. Que valor pensais possuir uma experiência assim indireta?

KRISHNAMURTI: — Fundamentalmente, a experiência indireta não pode ter valor integral. Há apenas o processo de perpetuar a ignorância, focalizado em cada um de nós, e só por meio da compreensão dêsse processo é que se pode entender a vida, e não por um atalho — a experiência de outrem. Por

um atalho, isto é, seguindo a outrem ou aceitando a sabedoria de outrem, não pode haver preenchimento.

PERGUNTA: — Presumindo que, usualmente, agimos em resposta a certa tendência mental ou angústia emocional, haverá alguma técnica que nos possa tornar concientes de tal tendência ou angústia no momento da ação, antes de a haver realmente efetivado?

KRISHNAMURTI: — Por outras palavras, estais procurando um método, um sistema capaz de vos manter despertos no momento da ação. Sistema e ação não podem coexistir, matam-se um ao outro. O que me perguntais é isto: Posso tomar um sedativo e, a-pesar-disso, estar desperto no momento da ação? Como pode manter-vos despertos um sistema ou outra qualquer cousa que não seja a vossa própria intensidade de interêsse, a necessidade de vos manterdes despertos? Por favor, vêde o significado desta pergunta. Se estiverdes cientes de que a vossa mente está preconcebida, então não haveis de querer nenhuma disciplina, sîstema ou modo de conduta. O vosso próprio discernimento de um preconceito reduz êsse preconceito a cinzas e sereis capazes de agir sã e claramente. Porém, dado o fato de não perceberdes o obstáculo que vos causa o sofrimento, tendes esperança de vos libertar da tristeza seguindo um sistema que nada mais é do que o desenvolvimento de um outro impecilho; e, a essa nova peia, chamais processo para vos manterdes despertos, para vos tornardes concientes. A busca de um sistema indica apenas indolência da mente e o seguir um sis-

tema vos anima a agir automàticamente, destruindo a inteligência. Os pretensos instrutores religiosos vos deram sistemas. Vós pensais que seguindo um novo sistema adestrareis a mente para discernir e aceitar novos valores. Alcançando êxito nesse sentido, o que realmente tereis feito é amortecer a mente, adormecê-la, e tomais isto, enganosamente, por felicidade e paz.

Ouve-se tudo isto e o abismo entre a vida diária e a persecução do real ainda permanece. Êste abismo existe porque a mudança implica não sòmente desconfôrto físico como incerteza mental, e nós não gostamos de nos sentir incertos. Pelo fato desta incerteza criar perturbação postergamos a mudança, aprofundando assim o abismo. E assim continuamos a criar o conflito e a miséria a que desejamos fugir. Aceitamos, então, seja o ponto de vista mecânico da vida, seja o da fé, e por essa forma escapamos à atualidade. Só haverá ponte sôbre o abismo existente entre nós e o real quando virmos a absoluta necessidade da cessação de todas as escapulas, e daí a necessidade da ação integral, da qual nascem as verdadeiras relações humanas com os indivíduos, com a sociedade.

12 de julho de 1936.

PALESTRAS EM EDDINGTON — PENNSYLVANIA

II

PERGUNTA: — Que há de errôneo em nossas relações com outra pessoa, quando o que é vida livre para nós parece vida falsa para ela e lhe causa profundo sofrimento, ao passo que nós permanecemos serenos? Será isto falta de entendimento da nossa parte e, portanto, falta de simpatia?

KRISHNAMURTI: — Tudo depende do que chamais vida livre. Se estais obsecado por um ideal e o seguís cruelmente, sem considerar com profundeza o seu significado integral, não vos estareis preenchendo e, portanto, criareis sofrimento para outrem e para vós próprios. Pela vossa falta de equilíbrio criais desharmonia. Se, porém, vos estiverdes verdadeiramente preenchendo, isto é, vivendo verdadeiros valores, então, embora êsse preenchimento produza antagonismo e conflito, ajudareis, verdadeiramente, ao mundo. Deve-se, porém, estar apercebido, extremamente alerta, para ver se se está apenas vivendo de acôrdo com um ideal, um princípio ou um

padrão, cousa essa que indica falta de entendimento do presente e fuga à atualidade. Essa fuga, essa imitação que conduz à frustração, é a verdadeira causa do conflito e do sofrimento.

PERGUNTA: — Como hei de impedir intromissão naquilo que eu penso ser ação inteligente sem causar infelicidade aos outros?

KRISHNAMURTI: — Se apenas tomardes em consideração o não causar infelicidade aos outros e tentardes amoldar a vossa vida a essa idéia, não estareis agindo verdadeiramente. Se, porém, vos estiverdes libertando das múltiplas e sutís camadas de egoísmo, então a vossa ação, embora ocasione infelicidade, é a do preenchimento.

PERGUNTA: — A moral e a ética, embora sejam fatores variáveis, teem, através das idades, fornecido motivo para a conduta, como, por exemplo, o ideal da caridade cristã ou o da renúncia hindú. Despojados dessas bases, como poderemos viver vidas úteis e felizes?

KRISHNAMURTI: — Existe a moral do ideal e a moral do real. O ideal é amarmo-nos uns aos outros, não matar, não explorar e assim por diante. Porém, na realidade, a nossa conduta baseia-se em uma concepção diferente. A ética da nossa existência diária, a moral das nossas relações sociais baseia-se, fundamentalmente, no egoísmo, no espírito de aquisição, no temor e na auto-proteção.

Enquanto existirem essas cousas, como pode haver a verdadeira moral, as verdadeiras relações do

indivíduo para com o ambiente e a sociedade? Enquanto cada um de nós se isolar por mêdo, pelo espírito de aquisição, pelas ansiedades egoístas, pelas crenças e ideais, como poderá haver relações verdadeiras com outrem?

A moral quotidiana é realmente imoralidade, e o mundo está enredado nessa imoralidade. Várias formas de aquisição, de exploração e de matança são condecoradas pelos governos e pelas organizações religiosas e constituem a base da moral aceita. Em tudo isto não há amor, mas sòmente o mêdo disfarçado pela constante repetição de palavras idealistas que impedem o discernimento. Para que se seja verdadeiramente moral, isto é, para se ter verdadeiras relações com outrem, com a sociedade, é preciso que cesse a imoralidade do mundo. Esta imoralidade foi criada pelas ansiedades de auto-proteção e pelos esforços de cada indivíduo.

Agora, perguntareis como se pode viver sem ansiedades, sem espírito de aquisição. Se compreenderdes profundamente o significado de vos libertardes do espírito de aquisição, se fizerdes experiências nesse sentido, então, por vós mesmos, vereis que podeis viver no mundo sem pertencer ao mundo.

PERGUNTA: — No livro intitulado: "O Iniciado no Ciclo da Sombra" diz-se que o que estais ensinando é Advaitismo, filosofia sòmente para Yogis e Chelas, e perigosa para o comum dos indivíduos. Que tendes que dizer a respeito?

KRISHNAMURTI: — Seguramente, se eu consi-

derasse perigoso, para a mediania das pessoas, o que estou dizendo, não falaria. Portanto, a vós compete considerar se o que eu digo é perigoso.

As pessoas que escrevem livros desta espécie, conciente ou inconcientemente, estão explorando os outros. Elas teem seus próprios machados para afiar e se tendo entregue a um certo sistema, chamam em seu auxílio a autoridade de um Mestre, da tradição, da superstição, das igrejas, as quais, geralmente, controlam as atividades do indivíduo.

Que há, naquilo que estou dizendo, de tão difícil e perigoso para um homem mediano? Eu digo que para conhecer o amor, a bondade, a reflexão, não pode haver egoísmo. Não devem existir as sutís escapulas do atual por meio do idealismo. Digo que a autoridade é perniciosa, não sòmente a autoridade imposta por outrem mas também aquela que, inconcientemente, se desenvolve por meio do acúmulo de memórias auto-protetoras, da autoridade do ego. Digo que não vos é possível seguir outrem para compreender a realidade. Certamente, nada disso é perigoso para o indivíduo, mas o é para o homem que está empenhado em uma organização e que a deseja manter, para o homem que deseja adulação, popularidade e poder. O que digo acêrca do nacionalismo e da distinção de classes, é perigoso para o homem que se beneficia com as suas crueldades e degradação. A compreensão, a iluminação, é perigosa para o homem que sutil ou grosseiramente, aufere benefícios da exploração, da autoridade, do temor.

PERGUNTA: — Repelis todos os sistemas de filosofia, mesmo a Vedanta que ensina a renúncia?

KRISHNAMURTI: — Deveis perguntar a vós mesmos porque necessitais de um sistema, não porque o repilo. Imaginais que sistemas ajudam o indivíduo a se desenvolver, preencher, compreender. Como poderá um sistema ou uma técnica proporcionar-vos jamais a iluminação? A iluminação vem pelo nosso esfôrço adequado, pelo nosso discernimento do processo de ignorância. Para discernir, deve a mente estar livre de preconceitos; como, porém, agora, a mente está preconcebida e não pode discernir, seguramente nenhum sistema a pode libertar do preconceito. O máximo que um sistema pode dizer-vos é que não tenhais preconceitos, ou pode indicar as várias espécies de preconceitos, porém sois vós que tendes de fazer o esfôrço para dêles vos libertar.

Não há o que se denomina renúncia. Quando compreendeis os reais valores da vida, a idéia da renúncia não tem significação. Quando os não compreendeis, então há mêdo e vem a esperança de vos libertardes dêles por meio da renúncia. A iluminação não provém da renúncia.

Imaginais que vos afastando da atualidade, da existência quotidiana achareis a verdade. Ao contrário, só encontrareis a realidade mediante a vida diária, pelos contactos humanos, pelas relações sociais e por meio do pensamento e do amor.

PERGUNTA: — Qual a vossa idéia sôbre a meditação?

KRISHNAMURTI: — O que se chama meditação, tal como é praticada pela maioria das pessoas, é a concentração sôbre uma idéia e o domínio de si mesmo. Esta concentração ajuda a desenvolver uma memória forte de certo princípio que orienta e controla o pensamento e a conduta diária. Esta conformidade com um princípio, com um ideal é apenas uma fuga à atualidade, falta de compreensão da verdadeira causa do sofrimento. O homem que procura a realidade por meio da renúncia, pela meditação, por qualquer sistema, está preso ao sistema de aquisição, e aquilo que pode ser adquirido não é verdadeiro.

A meditação não é um afastamento da vida. Não é concentração. Meditação é um discernimento constante do que é verdadeiro, nas ações, reações e provocações da vida. Discernir a verdadeira causa da luta, da crueldade e da miséria, é verdadeira meditação. Isto exige vigilância, profundo apercebimento. Neste apercebimento, no curso do profundo discernimento dos valores verdadeiros, advém a compreensão da realidade, felicidade.

14 de julho de 1936.

PALESTRAS EM EDDINGTON — PENNSYLVANIA

III

Vou resumir o que estive dizendo durante as palestras e discussões que realizámos aquí. Não necessito entrar em pormenores e acentuar as múltiplas cousas que lhes estão implícitas, mas, quando estas idéias forem profundamente meditadas, elas vos revelarão seu minucioso significado.

Todos nós estamos procurando viver sem confúsão e sem tristeza, procurando libertar-nos da luta — não sòmente com o nosso próximo, a nossa familia e amigos — porém, especialmente, conosco mesmos, com as nossas concepções do justo e do injusto, do falso e do verdadeiro, do bem e do mal. Existe não sòmente o conflito das nossas relações com o ambiente, mas também um conflito dentro de nós, que inevitàvelmente se reflete na moral social.

Naturalmente, há aquelas brutais e tolas excepções constituidas pelos que se encontram inteiramente à vontade; os que, temerosos de sua salvação pessoal, vivem sem pensamento e sem reflexão. Suas

mentes estão tão acolchoadas, tão invulneráveis que recusam ser abaladas pela dúvida ou pela investigação. A si próprios não permitem o pensar; ou, se o fazem, seus pensamentos seguem as linhas tradicionais. Êsses, teem sua própria recompensa.

Interessamo-nos, entretanto, por aqueles que sèriamente tentam compreender a vida com suas misérias e conflito aparentemente incessante. Interessamo-nos pelos que, percebendo profundamente o seu ambiente, buscam-lhe o verdadeiro significado, e a causa de seu sofrimento, de suas alegrias transitórias. Em sua busca, ficaram embaraçados, seja na explicação mecânica da vida, seja nas explicações da fé, da crença. Nessas explicações opostas ficou a mente envolvida e enredada.

O ponto de vista mecânico da vida, regeitando tudo que não seja perceptível aos sentidos, sustenta que o homem é um simples produto de reações; que o mecanismo do seu ser se mantém em movimento, por assim dizer, mediante uma série de reações, não pela fôrça ou energia capaz, por si própria, de produzir a ação; que o seu desenvolvimento, suas idéias, concepções e emoções, são simplesmente o resultado de embates externos; que a verdadeira causa de cada acontecimento é simplesmente uma série de acontecimentos anteriores. Daí se argumenta que — dominando os acontecimentos e as reações do homem para com êsses acontecimentos, por meio da arregimentação do pensamento e ação e por meio da propaganda — será êle capacitado a estabelecer relações inteligentes com o meio ambiente. Isto é, a ar-

regimentação e o domínio de suas várias reações, produzirão acontecimentos que darão a felicidade ao homem.

Em oposição a isto, ergue-se a fé. Esta opinião sustenta que a verdadeira causa da existência do homem é a fôrça universal, fôrça em si mesma divina, imperceptível aos sentidos. Essa fôrça transcendente, essa super-inteligência está sempre guiando, vigiando e decreta que nada, jamais, acontecerá sem que ela seja conhecedora do fato. Disto nasce, naturalmente, a idéia da predestinação. Se há uma super-inteligência vigilante sôbre vós e guiadora de vossas ações, então vós, como indivíduos, não tendes grande responsabilidade na vida. Vosso destino está pre-determinado, e portanto, não pode haver vontade livre. Se não existe vontade livre, a idéia da alma e da sua imortalidade não tem significação. Se assim é, então, não existe essa realidade, Deus ou fôrça universal. A fé, portanto, destrói o seu próprio fim.

Entre êstes dois opostos, o ponto de vista mecânico da vida e o da fé, o indivíduo vacila de acôrdo com a inclinação pessoal do momento. A dependência da fé em um momento, e, em outro, do seu oposto, aumentou a nossa confusão e tristeza.

Ora, eu digo que existe um outro modo de encarar a nossa existência e de verdadeiramente compreendê-la. Realidade, é aquilo que nós próprios experimentamos. Nada tem que ver com os opostos, seja a fé, seja a rejeição daquilo que é imperceptível aos sentidos. Toda a existência é um processo de energia simultâneamente condicionada e condicio-

nante. Esta energia, em seu desenvolvimento auto-atuante e auto-mantenedor, cria sua própria substância material, sensação, percepção, escolha e conciência, de onde surge a individualidade. Esta energia é única para cada indivíduo, para cada processo o qual não tem começo.

A individualidade ou conciência é o resultado do processo desta energia única. Com a conciência combinam-se a ignorância e a ansiedade. Essa conciência mantém-se pelas suas atividades volitivas nascidas da ignorância, das tendências, da ansiedade. Êste processo auto-mantenedor da individualidade, que é único, que não teve começo, não recebe, por assim dizer, um impulso, não é propelido para frente por uma outra fôrça ou energia. E' um processo que a todos os instantes está auto-ativo por meio das próprias exigências volitivas, ansiedades, atividades.

Se pensardes sôbre isto acurada e profundamente, verificareis que possue um significado totalmente diferente do ponto de vista mecânico da vida, ou do ponto de vista da fé. Estas são teorias baseadas nos opostos, ao passo que aquilo que expliquei, não pertence aos opostos. Vós, como indivíduos, tendes que descobrir por vós mesmos qual a verdadeira causa da existência, do sofrimento e sua continuidade aparente. Como disse, realidade é aquilo que o próprio indivíduo experimenta; não se pode experimentar uma teoria, uma explicação. Permitindo à mente aceitar uma teoria e adestrar-se de acôrdo com tal concepção, pode o indivíduo realizar uma série de experiências, porém, elas não serão a expe-

riência da realidade. A crença ou a fé proporcionou um certo adestramento à mente, e as experiências nela baseadas não são de realidade, pois são o produto de pressuposições e convicções. Tais experiências são meramente o resultado do desejo de preenchimento.

Para compreender a atualidade ou experimentar a realidade, tem que haver discernimento. Discernimento é êsse estado de pensamento-emoção integrado, no qual cessam toda ansiedade e escolha; não é um estado induzido pela mera negação e supressão. Todo desejo, ansiedade, até mesmo o da realidade, perverte o discernimento. O desejo condiciona o pensamento-emoção e, por êsse modo, torna-o incapaz de discernimento direto. Daí, se a mente estiver imbuida de preconceitos, de qualquer, teoria ou explicação, ou se estiver cativa de uma crença qualquer, tal como uma religião ou filosofia, é inteiramente incapaz de discernimento.

Portanto, o indivíduo tem que considerar, em primeiro lugar, quais as tendências e ansiedades que continuam e perpetuam o processo do "eu". Esta profunda consideração do processo do desejo e seus resultados, êsse constante apercebimento na ação, liberta a mente-coração do desejo e daquelas resistências auto-protetoras que ela criou para si mesma, tais como a segurança e o confôrto. Porque todo desejo age como um impecilho ao discernimento; toda a ansiedade deturpa a percepção.

Toda a ansiedade e qualquer experiência que dela nasça constituem o processo auto-mantenedor

do "eu". Êste processo do "eu" com seus desejos e tendências, cria o mêdo e daí surge a aceitação do confôrto e da segurança que a autoridade oferece. Há várias espécies de autoridades. Existe a autoridade do exterior, a autoridade de um ideal e a autoridade da experiência ou da memória.

A autoridade do exterior nasce do mêdo que faz a mente-coração aceitar a compulsão da opinião, seja a do próximo, seja a de um "leader", bem como as afirmações das crenças organizadas chamadas religiões, com seus sistemas e dogmas. Essas afirmações e crenças tornam-se parte do nosso ser, e, concientemente ou não, os nossos pensamentos e ações ajustam-se ao molde estabelecido pela autoridade.

Vem depois a autoridade de um ideal que impede a verdadeira auto-confiança, nascida da compreensão da realidade. Como não podeis compreender a luta e a miséria, buscais um ideal, um conceito para vos orientar através dêste mar de confusão e sofrimento. Se examinardes cuidadosamente êsse desejo, vereis que êle é sòmente uma fuga à atualidade, ao conflito do presente. Para fugirdes à realidade, ao agora, tendes a autoridade de um ideal, que se torna sagrado pelo tempo e pela tradição. A autoridade de um ideal impede a compreensão do atual.

Temos a autoridade da experiência e da memória. Não somos mais que o resultado do processo do tempo. Cada um tira inspiração, orientação e compreensão do passado; o passado atua como um fundo de contraste, é o armazem da experiência, e a mente torna-se apenas o registro das várias lições

da experiência. Essas experiências, com suas lições, tornaram-se memórias e essas memórias tornaram-se advertências auto-protetoras. Se examinardes profundamente as pretensas lições ganhas nas experiências, vereis que elas são apenas um desejo astuto de auto-proteção que vos orienta no presente. Esta astuta orientação auto-protetora impede a compreensão da vida presente. Assim, a experiência aumenta à sua bagagem mais lições, mais lembranças e mais conhecimentos engenhosos, pelos quais possais orientar-vos em tempos de atribulações. Se, porém, examinardes êste pretenso conhecimento, vereis que êle nada mais é que um conjunto de memórias auto-protetoras armazenadas para o futuro e que se torna a autoridade que orienta e dirige a ação.

Assim, por meio da ansiedade, do desejo, gera-se o mêdo, e dêste surge a busca do confôrto e segurança, encontrados na autoridade externa, na autoridade de um ideal e na autoridade da experiência. Esta autoridade, em suas várias formas, sustenta o processo do "eu", que se baseia no mêdo. Considerai os vossos pensamentos e atividades e a natureza da vossa moral e vereis que estão baseados no mêdo auto-protetor com suas autoridades sutís e confortadoras. Dêste modo, a ação nascida do mêdo está sempre se limitando a si própria e, portanto, êsse processo do "eu", é mantenedor de si mesmo por meio de suas atividades volitívas.

Expondo isto por palavras diferentes, direi que existe a vontade de desejo, que é esfôrço, e vontade de compreensão, que é discernimento. (*To put it*

differently, there is the will of want, which is effort, and the will of comprehension, which is discernment. (1). A vontade de desejo está sempre em busca de recompensa, de lucro e assim cria os seus próprios temores. A moral social baseia-se nisso e a aspiração espiritual é apenas uma tentativa para estabelecer relações protetoras com o mais alto. O indivíduo é a expressão da vontade de desejo, e, no processo de sua atividade, o desejo cria o seu próprio conflito e tristeza. Daí o indivíduo tenta escapar indo para o idealismo, para as ilusões, para as explicações e, dêste modo, mantém ainda o processo do "eu". Começa a existir a vontade de compreensão quando o desejo e suas experiências, sempre recorrentes, deixam de existir.

Se houver correta compreensão do fato de que não pode existir verdadeiro discernimento enquanto persistir a vontade de desejo, esta mesma compreensão faz com que o processo do "eu" chegue a ser destruido. Não existe um outro ou mais alto eu que destrua o processo do "eu"; nenhum ambiente e nenhuma divindade pode acabar com êsse processo. Porém, a própria percepção do processo do "eu", o discernimento de sua insensatez, de sua natureza transitória, é que o destrói.

O processo do "eu" é auto-mantenedor, auto-ativo pela sua própria ignorância, tendência, ansiedades. Êle tem que se destruir por meio da cessação dos próprios desejos volitivos. Se compreenderdes

---

(1) — *Pag.* 40 *linha* 18.

profundamente o significado desta integral concepção do "eu", então vereis que não sois mero ambiente, opinião ou acaso, porém o criador, aquele que dá origem à ação. Vós criais vossa própria prisão de tristeza e conflito. Por meio da cessação de vossas atividades volitivas, encontrareis a realidade, a felicidade.

PERGUNTA: — Haveis dito que, para se compreender o processo do "eu", é necessário um esfôrço ardoroso. Como havemos de compreender a vossa repetida declaração, de que o esfôrço anula o apercebimento?

KRISHNAMURTI: — Onde há esfôrço de desejo (*effort of want*) há a escolha que tem de ser baseada no preconceito, no pendor. O apercebimento não nasce da escolha, vem à existência quando se dá a percepção da transitoriedade da vontade de escolha, ou da vontade de desejo.

Pela constante reflexão e ardente interêsse, a vontade de desejo é compreendida e vem à existência a vontade de compreensão. Onde existe a vontade de desejo tem que haver esfôrço errado, êsse esfôrço que produz sempre confusão e limitação, e aumenta a tristeza. O apercebimento é o discernimento constante do que é verdadeiro. A tristeza e a investigação de sua verdadeira causa, não investigação teórica, porém real, por meio da experimentação e da ação, produzirá plasticidade desperta da mente-coração. Não há quem não sofra. Aquele que sofre faz esforços para fugir à atualidade e essa fuga só

lhe aumenta a tristeza. Se, porém, pela observação silenciosa e pela paciência, êle discernir a verdadeira causa do sofrimento, essa mesma percepção faz desaparecer a causa real do sofrimento.

PERGUNTA: — Sois ainda tão intransigente, como outrora, em vossa atitude relativamente às cerimônias e à Sociedade Teosófica?

KRISHNAMURTI: — Uma vez que tenhais visto que um ato é inteiramente desprovido de senso, não voltareis a praticá-lo. Se perceberdes profundamente, como eu, a completa loucura das cerimônias, então elas jamais terão poder sôbre vós. Nenhuma opinião seja embora a de muita gente, nenhuma autoridade, seja a da tradição ou a das circunstâncias, pode persuadir, de modo diverso, alguem que haja discernido o seu nenhum valor. Enquanto porém, o indivíduo não vir completamente o seu significado, tornará a elas. O mesmo se dá em relação à Sociedade Teosófica. A idéia de uma crença organizada, com suas autoridades, sua propaganda, sua conversão e exploração, é para mim fundamentalmente má.

Não tem importância o que eu penso a respeito da Sociedade Teosófica. O que tem importância é que verifiqueis por vós mesmos o que é verdadeiro, o que é real e não o que quereis que o real seja; e para compreender o atual, o real, o verdadeiro, sem nenhuma dúvida, tendes que vos acercar dêle completamente despojados de toda necessidade, de todo desejo de segurança e confôrto. Só então haverá possibilidade de discernir aquilo que é. Como, porém, a maioria das pessoas se acha condicionada pelo de-

sejo, pela ânsia de segurança e de confôrto neste mundo e no além, são elas inteiramente incapazes da verdadeira percepção.

Antes de poderdes compreender o que é verdadeiro, seja nos ensinos da Sociedade Teosófica, seja nos de qualquer outra organização, deveis, primeiro, considerar se estais libertos do desejo. Se o não estais, essas organizações, com suas crenças, tornar-se-ão meios de vos explorar. Se considerardes apenas os seus ensinos, então vos perdereis no meio de opiniões e de explicações. Portanto, começai primeiro por discernir, vós mesmos, o processo da ansiedade que deturpa a percepção, sustenta o processo do "eu" e alimenta o mêdo. Então êsses sistemas, essas organizações, com suas crenças, ameaças e cerimônias, não terão, em absoluto, significação.

Infelizmente nós não começamos pelo fundamento. Pensamos que os sistemas e organizações nos ajudarão a nos libertar de nossos preconceitos, tristezas e conflitos. Pensamos que êles nos libertarão das nossas limitações e, assim, por meio dêles esperamos compreender a realidade. Isto jamais aconteceu e jamais acontecerá. Nenhuma crença e organização libertará o homem do desejo, com seus temores e agonias.

PERGUNTA: — Que pensais que virá a ser da vossa alma depois que o corpo morrer?

KRISHNAMURTI: — Se o interrogante examinar o motivo que determinou esta pergunta verá que foi o mêdo. Não há preenchimento, não há felicida-

de no presente e, por isso, êle exige uma futura vida de felicidade e oportunidade. Por outras palavras, o "eu" pergunta a si próprio se continuará. Para compreenderdes o significado do seu desejo de perpetuidade necessitais compreender o que é o "eu".

Como tentei explicar-vos, a fé destrói a sua própria idéia da alma. A fé sustenta que existe uma fôrça universal, uma entidade suprema fora do homem, dirigindo, guiando-lhe a existência, e determinando o seu futuro. Esta concepção elimina a idéia da alma, se refletirdes profundamente sôbre ela. Se não há alma, então vos voltais para o ponto de vista mecânico da vida e, por êsse modo, vos tornais meramente presas dos opostos. A verdade não existe nos opostos .Se compreendêsseis plenamente o significado dos opostos, com as cousas que lhes são implícitas, então discerniríeis o verdadeiro processo do "eu". Então veríeis que é um processo de desejo concebendo-se a si próprio no mêdo e mantendo-se por si mesmo. Este mêdo leva o "eu" a perguntar a si mesmo se tem continuidade, se viverá após a morte do corpo. A questão real é, pois, se esta limitação, o "eu", o ego, passando através de muitas experiências e colhendo suas lições, torna-se finalmente perfeito. Pode o egoísmo algum dia tornar-se perfeito através do tempo, da experiência? O "eu" pode tornar-se maior, expandir-se mais, tornar-se mais rico em egoísmo, em limitação, tomando para si outras unidades de limitação e egoísmo. Porém, certamente, êsse processo continua sempre a ser o proces-

so do "eu", por mais expandido e glorificado que esteja.

Se êste processo vai continuar ou ter fim é cousa que depende da compreensão de cada indivíduo. Quando discernirdes profundamente que o processo do "eu" se mantém pelas próprias limitações, pelas próprias atividades volitivas de ansiedade, então a vossa ação, a vossa moral, toda a vossa atitude para com a vida sofre uma mudança fundamental. Nisso há realidade, felicidade.

Posso dar-vos explicações da causa da existência e da tristeza. Porém, o homem que procura uma explicação não discernirá a realidade. As definições e as explicações atuam simplesmente como uma nuvem que obscurece a percepção. Êste processo do "eu", acêrca do qual vos falei, pode ser para vós apenas uma teoria. Para discernirdes a sua realidade, tendes de experimentá-lo. Para experimentardes isto, tendes de considerá-lo de modo crítico analisando e fazendo experiências com êle. Sòmente a sua inteligente compreensão produzirá a ação verdadeira.

16 de julho de 1936.

PALESTRAS EM MADRAS — ÍNDIA

(*Esta primeira palestra contém também a substância da palestra de* 25 *de dezembro de* 1936.)

I

Neste mundo de conflito e sofrimento, só a verdadeira compreensão pode produzir a ordem inteligente e a felicidade perdurável. Para despertar o pensamento inteligente, é preciso que haja real esfôrço por parte de cada indivíduo, esfôrço que não seja induzido por fantasias e reações pessoais, por crenças e ideais. Só êste pensamento pode produzir a boa organização da vida e as verdadeiras relações entre o indivíduo e a sociedade. Tentarei ajudar-vos, como indivíduos, a pensar direta e simplesmente, porém, deveis possuir intenso desejo de compreensão. Precisais libertar-vos do preconceito da lealdade a crenças e dogmas particulares, dos preconceitos da conduta habitual, modelada pelas tradições de irreflexão. Deveis sentir o desejo ardente de experimentação e de ação, pois, sòmente pela ação, podeis verdadeiramente perceber que a autoridade, as cren-

ças, os ideais, são obstáculos definidos para a inteligência, para o amor.

Receio porém, que a maioria dentre vós venha ouvir estas palestras apenas por hábito. Isto não é uma reunião política. Nem eu desejo incitar-vos a qualquer ação econômica, social ou religiosa. Não pretendo ter seguidores nem busco vossa adoração. Não quero tornar-me "leader" nem criar uma nova ideologia. Desejo apenas que tentemos pensar juntos, clara, sã e inteligentemente; e dêste processo do pensar verdadeiro resultará inevitàvelmente a ação; o pensamento não deve ser separado da ação.

A verdadeira compreensão da vida não pode ter lugar se, sob qualquer forma, houver temor, compulsão. O entendimento criador da vida é impedido quando o pensamento e a ação são constantemente obstados pela autoridade, a autoridade da disciplina, da recompensa e do castigo. Pela retidão da ação criadora discernireis que a cruel busca da segurança individual tem que, inevitàvelmente, conduzir à exploração e ao sofrimento. Só mediante o pensamento-ação dinâmico, poderá advir a completa revolução interna com sua possibilidade de verdadeiras relações humanas entre o indivíduo e a sociedade.

Qual é, então, a nossa resposta individual ao presente e complexo problema da vida? Defrontamos a vida do ponto de vista particular da religião, da ciência, da economia? Apegamo-nos à tradição, seja ela velha ou nova, sem pensar? Pode esta cousa prodigiosamente sutil, complexa, chamada vida, ser compreendida mediante sua divisão em diferentes

partes: política, social, religiosa, científica, dando preeminência a uma parte e desprezando as outras?

E' moda dizer-se hoje em dia: resolvei o problema econômico em primeiro lugar e depois todos os outros problemas estarão resolvidos. Se encararmos a vida meramente como um processo econômico, então o viver se tornará mecânico, superficial e destrutivo. Como poderemos compreender o processo sutil, desconhecido, psicológico da vida, dizendo simplesmente que precisamos resolver primeiro a questão do pão? A mera repetição de estribilhos não exige muito pensar.

Não quero dizer que o pão não seja um problema; é um problema imenso. Dar-lhe, porém, a preeminência, fazer dêle nosso principal interêsse, leva-nos a observar a complexidade da vida com estreiteza de mente, e por êsse modo só complicamos mais o problema.

Se somos religiosos, isto é, se as nossas mentes estão condicionadas por crenças e dogmas, nesse caso apenas aumentamos a complexidade da vida. Devemos encará-la compreensivamente, com profunda inteligência, porém, a maioria dentre nós tenta resolver os problemas da vida com as mentes condicionadas, sobrecarregadas pela tradição. Se sois indú buscais compreender a vida por meio das crenças, dos preconceitos e tradições particulares ao induísmo. Se sois budista, socialista ou ateista, tentais compreendê-la sòmente através do vosso credo espe-

cial. A mente condicionada, limitada, não pode compreender o movimento da vida.

Por favor, não espereis de mim uma panacéia, um sistema, ou um modo de conduta, porque encaro os sistemas, os modos de conduta e as panacéias como obstáculos à inteligente compreensão da vida.

Afim de compreender a complexidade da vida, a mente deve ser extremamente plástica e simples. A simplicidade da mente não é a vacuidade da negação, da renúncia ou da aceitação, é a plenitude do entendimento. E' a justeza do percebimento, do pensamento integral, não embaraçados por preconceito, temor, tradição e autoridade. Libertar a mente destas limitações é tarefa árdua. Experimentai convosco mesmos e vereis quão difícil é ter o pensamento integral, não condicionado pela memória provocadora com sua autoridade e disciplina. E no entanto, só com êste pensamento é que poderemos compreender o significado da vida.

Por favor, vêde a importância que tem a mente plástica, mente que conhece os emaranhados do mêdo com suas ilusões e está inteiramente liberta dêles, mente não controlada pelas influências ambientes. Antes que possamos compreender o pleno significado da vida, seus processos vitais, é necessario que o pensamento não seja condicionado pelo mêdo; e para despertar êste pensamento criador precisamos tornar-nos concientes do complexo, do real.

Que entendo por "estar conciente"? Entendo não sòmente a percepção objetiva da complexidade inter-relacionada da vida, mas também o completo

percebimento dos processos ocultos, sutís e psicológicos, dos quais surge a confusão, a alegria, a luta, a dor. A maioria dentre nós julga estar conciente da complexidade objetiva da vida. Somos concientes de nossos empregos, de nossos patrões, de nós próprios como chefes ou como empregados. Somos concientes do atrito nas relações. Esta percepção da mera complexidade objetiva da vida não é, para mim, plena conciência. Só nos tornaremos plenamente concientes quando relacionarmos profundamente a complexidade psicológica com a objetiva. Quando formos capazes de relacionar, por meio da ação, o oculto com o conhecido, então estaremos começando a ser concientes. Antes de podermos despertar em nós esta plena conciência da qual, sòmente, pode provir a verdadeira expressão criadora, precisamos apercebermo-nos do real, isto é, dos preconceitos, dos temores, das tendências, dos desejos, com suas múltiplas ilusões e expressões. Quando estivermos assim apercebidos, conheceremos a relação do real para com a nossa ação, que limita e condiciona o pensamento-emoção com suas reações, esperanças e fugas. Ao sermos concientes do real, dá-se a imediata percepção do falso. Esta mesma percepção do falso é a verdade. Então não haverá problema de escolha, do bem e do mal, do falso e do verdadeiro, do essencial e do não essencial. Ao perceber aquilo que *é*, o falso e o verdadeiro tornam-se conhecidos sem haver o conflito da escolha.

Ora, vós pensais poder escolher entre o falso e o verdadeiro. Esta escolha baseia-se no preconceito;

é induzida por ideais preconcebidos, pela tradição, pela esperança, e, portanto, a escolha é apenas uma modificação do falso. Se, porém, fôrdes capazes de perceber o atual, sem nenhum desejo ou identificação, então, nessa mesma percepção do falso está o começo do verdadeiro. Isto é inteligência, que se não baseia no preconceito, na tradição, no desejo, a única que pode dissolver a essência sutil de todos os problemas, espontâneamente, ricamente, e sem a compulsão do mêdo.

Averiguemos, se nos fôr possível, o que é o atual, sem interpretação, sem identificação. Quando falo de vossas crenças e teorias, de vossas adorações, Deuses, ideais e "leaders", quando falo da moléstia do nacionalismo, dos sistemas de gurús e mestres, não projeteis reações defensivas. Tudo que estou tentando fazer é salientar o que eu penso ser a causa do conflito e do sofrimento.

A ação decorrente do pensamento integral, sem identificação e interpretação, desperta a inteligência criadora. Se observardes profundamente, começareis a ver o que é verdadeiro; então despertareis a inteligência, sem o contínuo conflito da escolha. A mera conduta de acôrdo com um padrão é limitadora, não criadora. A ação inteligente não é imitação. Só a mente condicionada está sempre se ajustando a padrões, porque tem mêdo de conhecer aquilo que *é*. Se perceberdes o atual em toda a sua clareza, como êle é, sem interpretação nem identificação, no próprio instante do percebimento, se dará o alvorecer de uma nova inteligência. Só esta inteligência pode solucio-

nar os dolorosos problemas da vida, tremendamente complicados e cheios de conflitos.

Que é a nossa imagem e a do mundo? A divisão entre nós e o mundo parece real, embora desapareça ao examinarmos profundamente o indivíduo e a massa. O real é o conflito entre o indivíduo e a massa, porém, o indivíduo é a massa e a massa é o indivíduo. Cessa a individualidade ou a massa quando as características do indivíduo ou da massa desaparecem. A massa é ignorância, é desejo, é mêdo no indivíduo. Todas as regiões inexploradas da conciência, os estados semi-despertos do indivíduo, formam a massa. E só quando o indivíduo e a massa, como forças em conflito, cessarem de existir, é que poderá haver inteligência criadora. E' esta divisão da massa e do indivíduo, que não passa de uma ilusão, que está criando confusão e miséria. Não sois um indivíduo completo nem sois integralmente a massa; sois ambas as coisas, o indivíduo e a massa.

Na mente da maior parte das pessoas existe essa infeliz divisão entre o indivíduo e a massa; há a idéia de que, organizando a massa, produzireis a liberdade e a expressão criadora, individual. Se pensais em organizá-la afim de ajudar a libertação criadora do indivíduo, semelhante organização tornar-se-á meio de sutil exploração.

Há duas formas de exploração: a evidente e a sutil. A evidente tornou-se habitual, é a que conhecemos e ao lado da qual passamos, porém é necessária uma percepção profunda para reconhecer as formas sutís da exploração. Uma classe que possue ri-

queza explora a massa. Os poucos que controlam a indústria exploram os muitos que trabalham. A riqueza concentrada nas mãos de poucos cria as distinções e as divisões sociais, e através destas divisões temos o nacionalismo econômico e sentimental, a ameaça constante de guerra com todos os seus terrores e crueldades, a divisão dos povos em raças e nações com sua luta encarniçada pela auto-suficiência, os sistemas hierárquicos da astúcia e do privilégio graduados.

Tudo isto é óbvio e, por ser óbvio, com isto vos acostumastes.

Dizeis que o nacionalismo é inevitável; isto o afirmam todas as nações, preparando-se para a guerra e o assassínio. Como indivíduos estais, inconcientemente, ajudando a guerra por salientardes a vossa separatividade nacional. O nacionalismo é uma doença, seja neste país, seja na Europa ou na América. A busca de segurança separatista, individual ou nacional, apenas intensifica o conflito e o sofrimento humanos.

A forma sutil da exploração não é fàcilmente percebida por ser um processo íntimo de nossa existência individual. E' o resultado da busca de certeza, de confôrto no presente e no porvir. Ora, esta busca que chamamos busca da verdade, de Deus, levou-nos à criação de sistemas de exploração denominados crenças, ideais, dogmas, e à sua perpetuação por sacerdotes, gurús e guias. E' por estardes, como indivíduos, em confusão e dúvida, que esperais outrem vos traga iluminação. Tendes esperança de

vencer o sofrimento e a confusão seguindo outrem, seguindo um sistema de disciplina ou algum ideal. Esta tentativa de vencer a miséria e a dor pela vossa submissão a outrem, regulando a vossa conduta de acôrdo com um padrão, é mera fuga à realidade. Assim, em vossa busca de escapula ao real, ides a outrem para ser enriquecidos e confortados, e, por êsse modo, gerais o processo da exploração sutil. A religião, tal como é, prospera pelo mêdo e pela exploração.

Quantos de vós são concientes de estar procurando a segurança, uma fuga da constante crispação do mêdo, da confusão e da tristeza? O desejo de segurança, de certeza psicológica, encorajou uma forma sutil de exploração, por meio da disciplina, da compulsão, da autoridade e da tradição.

Portanto, deveis discernir, por vós mesmos, o processo de vosso pensamento-ação, nascido da ignorância e do temor, que produz exploração cruel, confusão e tristeza. Quando há a compreensão do real, sem a luta da escolha, há amor, o êxtase da verdade.

6 de dezembro de 1936.

SEGUNDA PALESTRA NA ÍNDIA

II

Entre os múltiplos remédios, teorias e ideais em conflito, qual a verdadeira cura para as nossas complexidades e crueldades sociais, para os profundos desentendimentos que estão criando confusão e caos no mundo?

Há muitos instrutores com seus métodos, muitos filósofos com seus sistemas. Como escolher o que é verdadeiro? Cada sistema, cada instrutor põe em relevo uma parte da existência integral do homem.

Como, pois, havemos de compreender o processo integral da vida e como se há-de libertar a mente de modo que haja a percepção do que é verdadeiro? Cada "leader" tem seu próprio grupo de pessoas, em conflito com outro grupo, com outro "leader". Há desacôrdo, confusão, caos. Alguns grupos se tornam crueis e outros se esforçam por ser tolerantes, liberais, pois os seus "leaders" lhes dizem: Cultivai a tolerância, pois todos os caminhos conduzem

à realidade. E assim, ao tentarem desenvolver o espírito de tolerância, de fraternidade, tornam-se gradualmente indiferentes, indolentes, até mesmo brutais.

Em um mundo de confusão, de discórdia, em que as pessoas tomam a sério, como cousa vital, suas crenças e ideais, pode haver verdadeira cooperação entre grupos que teem crenças diferentes, e trabalham por ideais diferentes? Se acreditais firmemente em uma idéia, e outra pessoa, pela sua fé ardente, trabalha em oposição a vós, poderá haver tolerância, amizade entre vós e ela? Ou será falsa a concepção de seguir cada qual o seu caminho? Será a idéia de cultivar a fraternidade e a tolerância em meio do conflito, impossível e hipócrita? A despeito de vossas fortes crenças, convicções e esperanças, ser-vos-á possível estabelecer uma relação superficial de amizade e tolerância com outra pessoa diametralmente oposta à vossa concepção da vida? Se o fôr, tem que haver transigência, uma diminuição daquilo que é verdadeiro para vós, e, portanto, cedeis a outrem que é circunstancialmente mais poderoso do que vós. Isto apenas cria maior confusão. O cultivo da tolerância é um ato apenas intelectual e desprovido, portanto, de significação profunda, conduzindo à irreflexão e à pobreza do ser.

Se examinardes a propaganda que está sendo feita, em todo o mundo, pelas nações, classes, grupos, seitas e indivíduos, vereis que, de vários modos, todos estão determinados a vos converter ao seu particular ponto de vista ou crença. Podem os propa-

gandistas rivais ser profunda e verdadeiramente amigos e tolerantes? Se sois indú e outro maometano, se sois capitalista e outro socialista, poderá haver relações profundas entre vós? E' isto possível? E' impossível. O cultivo da tolerância é um processo intelectual, portanto, artificial, que não tem realidade. Isto não significa esteja eu advogando a perseguição ou qualquer ato cruel por amor a crenças. Por favor, observai o que estou dizendo.

Enquanto houver conversão, incitamento, o fato de forçar sutilmente outrem a que se filie a um grupo particular ou a que contribua para determinado conjunto de crenças; enquanto houver opostos, idéias contraditórias, não poderá haver harmonia e paz, embora intelectualmente pretextemos ser tolerantes e fraternais. Pois, cada um está tão interessado, tão entusiasmado pelas suas idéias e métodos, que deseja insistentemente que outrem os aceite, criando assim uma condição de conflito e confusão. Isto é claro.

Se fôrdes ponderados e não propagandistas, estareis aptos a ver a superficialidade dessa balbúrdia de tolerância e fraternidade, e defrontareis a renhida batalha de idéias, esperanças e crenças contraditórias. Por outras palavras, deveis perceber o atual, a discórdia e a confusão que nos rodeiam agora. Se pudermos pôr de parte esta confusão cômoda de tolerância e fraternidade, então talvez percebamos a maneira de compreender a discórdia. Existe um caminho para saír dêste caos, porém, não se encontra na fraternidade artificial ou na tolerância intelectual.

Só mediante o verdadeiro pensar e agir pode ter fim o conflito dos grupos e idéias opostas.

Que entendo por pensar verdadeiro? Que o pensamento deve ser vital, dinâmico, não mecânico ou imitativo.

Considera-se pensar positivo um sistema de disciplinar a mente de acôrdo com uma modalidade particular. Primeiramente, criais ou aceitais uma imagem intelectual, um ideal, e, de acôrdo com êste, torceis o vosso pensamento. Esta conformidade, esta imitação é tomada errôneamente por compreensão, porém, na realidade, é apenas ânsia de segurança nascida do mêdo. O incitamento do mêdo conduz apenas à conformidade, e a disciplina nascida do mêdo não é o reto pensar.

Para despertardes a inteligência, necessitais perceber o que impede o movimento criador do pensamento. Isto é, se puderdes perceber, por vós mesmos, que os ideais, as crenças, as tradições e os valores estão continuamente torcendo o vosso pensamento-ação, então, pelo fato de vos tornardes apercebidos dessas desfigurações, a inteligência é despertada. Não pode haver pensamento criador enquanto houver obstáculos, valores e preconceitos, concientes ou inconcientes, que pervertam o pensamento. Em lugar de buscardes o espírito de imitação, os sistemas e os gurús, deveis tornar-vos concientes dos vossos impedimentos, dos vossos preconceitos e padrões, e discernindo o seu significado, advirá essa inteligência criadora, a única que pode des-

truir a confusão e produzir profundo acôrdo e compreensão.

O mais obstinado dos obstáculos é a tradição. Podeis perguntar: Que acontecerá ao mundo se a tradição fôr destruida? Não sobrevirá o caos? Não virá a imoralidade? A confusão, o conflito e a dor existem presentemente, a-pesar-de vossas veneráveis tradições e doutrinas morais.

Qual o processo por que a mente está sempre acumulando valores, memórias, hábitos, a que chamamos tradição? Não nos é possível discernir êste processo enquanto a mente estiver condicionada pelo mêdo e pelo desejo que estão constantemente criando ancoradouros na conciência, que se tornam tradição.

Pode a mente jamais libertar-se destas fixações de valores, tradições e memórias? O que chamais pensar é apenas o mover-vos de uma ancoragem, ou centro de tendências, para outra, e, a partir dêsse centro, julgar, escolher e criar substituições. Ancorados na limitação, entrais em contacto com outras idéias e valores que modificam superficialmente vossas próprias crenças condicionadas. Formais, então, outro centro de novos valores, de novas memórias que uma vez mais condicionam o futuro pensamento e ação. Portanto, é sempre dêsses ancoradouros que julgais, calculais e reagís. Enquanto êste movimento de uma para outra ancoragem prosseguir, tem de haver conflito e sofrimento, não pode haver amor. O cultivo superficial de fraternidade e tolerância

apenas estimula êste movimento e intensifica a ilusão.

Pode a mente-coração jamais libertar-se dos centros de pensamento-emoção condicionados? Se a mente-coração não criar para si mesma êsses ancoradouros de auto-proteção, então poderá haver pensamento claro e amor, os únicos que solucionarão os muitos problemas que presentemente criam confusão e miséria. Se começardes a ser concientes dêsses centros, discernireis que formidável poder êles são para a discórdia, para a confusão. Quando não sois concientes dêles, sois explorados pelas organizações, pelos "leaders" que vos prometem novas substituições. Aprendeis a falar fàcilmente de fraternidade, de bondade, de amor — palavras que podem não ter significação alguma enquanto simplesmente vos moverdes de uma tendência para outra.

Das duas uma: discernís o processo da ignorância com sua tradição e, portanto, vem a ação imediata, ou estais tão habituados ao narcótico da substituição que o percebimento se vos torna impossível e, por isso, começais a procurar um método de escapula. Percebimento e ação, não são divisíveis. O que chamais percebimento intelectual cria uma separação artificial entre o pensamento e a ação. Lutais, então, para lançar uma ponte sôbre esta divisão, e êste esfôrço não tem significado, pois, foi a falta de entendimento que criou essa divisão ilusória. Ou estais apercebidos do processo ou não. Se não estais, consideremos êste processo profundamente, com entusiasmo, porém, não procuremos um método. Este ar-

dor de compreender torna-se a chama de apercebimento que queima o desejo de substituição.

PERGUNTA: — Poderei libertar-me da tristeza para sempre, e por que método ?

KRISHNAMURTI: — A tristeza é companheira de todos, do rico e do pobre, do crente e do descrente. A despeito de todas as vossas crenças e doutrinas, a-pesar-de vossos templos e Deuses, o sofrimento é vosso constante companheiro. Procuremos compreendê-lo e não pensemos simplesmente em nos libertar dêle. Quando houverdes compreendido plenamente a tristeza não buscareis um meio de vencê-la.

Quereis libertar-vos da alegria, do êxtase, da felicidade? Não. Então, porque dizeis precisar libertar-vos da tristeza? Uma vos dá prazer, a outra dor, e a mente apega-se ao que é agradável e o alimenta. Toda interferência por parte da mente para estimular a alegria e vencer a tristeza tem que ser artificial, ineficaz. Buscais um caminho para sair da vossa miséria e há quem vos ajude a esquecer a tristeza oferecendo-vos o entorpecente da crença, da doutrina, da felicidade futura. Se a mente não se intrometer com a dor ou com a alegria, então essa mesma alegria, essa mesma dor despertará a chama criadora do apercebimento.

A tristeza é apenas um indício de pensamento condicionado, de mente limitada pelas crenças, pelos temores, pelas ilusões, porém não dais ouvido à incessante advertência. Para esquecer a tristeza, para vencê-la, para modificá-la, buscais refúgio nas crenças, no ancoradouro da auto-proteção e segurança.

E' muito difícil não interferir no processo da tristeza, o que não significa que devais resignar-vos a ela, ou que a devais aceitar como inevitável, como Karma, como punição. Assim como não desejais modificar uma linda forma, o fulgor do crepúsculo vespertino, a visão de uma árvore num campo, do mesmo modo não deveis obstruir o movimento da tristeza. Deixai-a amadurecer, pois em seu processo de preenchimento há compreensão. Quando estiverdes apercebidos da chaga da tristeza, sem aceitação, resignação ou negação, sem provocá-la artificialmente, o sofrimento despertará a chama da inteligência criadora.

A própria busca de uma escapula à tristeza criou o explorador, e a mente cede à exploração. Enquanto continuar o processo artificial da interferência na tristeza, esta será vossa constante companheira. Se, porém, houver apercebimento vital, sem escolha, sem desapêgo, então haverá inteligência, a única que pode dissipar toda a confusão.

PERGUNTA: — Com que especial significado usais a palavra *inteligência?* — E' ela gradativa e, portanto, capaz de constante evolução e variação?

KRISHNAMURTI: — Emprego a palavra inteligência para expressar a plenitude vital do pensamento-ação. A inteligência não é o resultado do esfôrço intelectual, nem do fervor emocional. Não é o produto de teorias, crenças e informações. E' a plenitude da ação surgindo do entendimento indiviso do pensamento-emoção. Em raros momentos de profundo amor conhecemos a plenitude.

A inteligência criadora não pode ser atraida nem medida; a mente, porém, procura a definição, a descrição e está sempre cativa do engano das palavras. O apercebimento sem escolha revela, no próprio momento da ação, as deturpações recônditas do pensamento-emoção e seu oculto significado.

"E' ela gradativa e, portanto, capaz de constante evolução e variação?" Aquilo que é discernido completamente não pode ser variável, não pode evolucionar nem crescer. A compreensão do processo do "eu" com seus muitos centros de auto-proteção, o discernimento do significado de ancoradouros, não pode ser mutável, não pode ser modificado por meio do crescimento. A ignorância pode variar, desenvolver-se, mudar, crescer. Os vários centros auto-protetores da mente são capazes de crescimento, de mudança e modificação. O processo de substituição não é inteligência, é apenas um movimento dentro do círculo da ignorância.

A chama da inteligência, do amor, só pode ser despertada quando a mente está vitalmente apercebida do próprio pensamento condicionado, com seus temores, valores e desejos.

13 de dezembro de 1936.

estultícias, suas puerilidades que ocasionam muita confusão e sofrimento.

Quando a mente está perplexa e atemorizada, busca certezas inexpugnáveis que se tornam ideais, crenças. Porque a mente cria e se apega a êsses ancoradouros de crenças e tradições? Não é porque, confundida pelo conflito e pela constante mudança busca uma finalidade, uma segurança profunda, um estado imutável? No entanto, a-pesar-dêsses ancoradouros, o sofrimento e a tristeza continuam. Assim, a mente começa a procurar novas substituições, outros ideais e crenças, dêles esperando, ainda, segurança e felicidade. A mente vai de uma esperança de certeza para outra, de uma para outra ilusão. A êste vaguear chama-se progresso.

Quando a mente condicionada se torna conciente da tristeza e da incerteza, começa logo a estagnar-se pela fuga a crenças, teorias e esperanças. Êste processo de substituição, de fuga, conduz sòmente à frustração.

A busca de segurança é apenas a expressão de temor que deturpa a mente-coração. Quando perceberdes o significado de vossa busca de segurança através da crença e do ideal, tornar-vos-eis concientes de sua falsidade. Então a mente buscará, por meio da reação contra a crença e o ideal, uma antítese na qual esperará novamente encontrar a certeza e a felicidade, o que é simplesmente uma outra forma de escapula da atualidade. A mente deve tornar-se apercebida do seu hábito de desenvolver antíteses.

Porque a mente se guarda fortemente contra o movimento da vida? Pode a mente que não é vulnerável, que procura suas próprias vantagens por meio dos valores auto-criados, jamais conhecer o êxtase da vida e a plenitude do amor? A mente torna-se a si mesma inexpugnável afim de não sofrer, e no entanto essa mesma proteção é a causa da tristeza.

PERGUNTA: — Vejo que a inteligência deve ser independente do intelecto e também de qualquer forma de disciplina. Existe algum modo pelo qual se possa apressar o processo do despertar da inteligência e torná-la permanente?

KRISHNAMURTI: — Não pode haver amor, inteligência criadora enquanto o mêdo existir sob qualquer forma. Se estiverdes plenamente apercebidos do temor com suas múltiplas atividades e ilusões, êsse mesmo percebimento tornar-se-á a chama da inteligência.

Quando a mente discerne por si mesma os obstáculos que impedem o pensamento claro, nenhum impulso artificial é necessário para o despertar da inteligência. A mente que busca um método não está apercebida de si própria, de sua ignorância, de seus temores. Espera apenas que talvez um método, um sistema de disciplina dissipe os seus temores e tristezas. A disciplina pode sòmente criar hábito e, assim, embota a mente. Estar apercebido sem escolha, estar conciente das múltiplas atividades da mente, de sua riqueza, de suas sutilezas, de suas decepções e de suas ilusões, é ser inteligente. Êste mesmo aper-

cebimento dissipa a ignorância, mêdo. Se *fizerdes* um esfôrço para estar apercebidos, êsse esfôrço criará um hábito, impelido pela esperança de escapar à tristeza. Onde há profundo apercebimento sem escolha, há auto-revelação, a única que pode impedir a mente de criar ilusões para si mesma e, por essa forma, de se adormecer. Se houver constante vigilância da mente, sem a dualidade do observador e do observado, se a mente puder conhecer-se a si mesma tal qual é, sem que negue, afirme, aceite ou se resigne, então dessa mesma realidade advirá o amor, a inteligência criadora.

PERGUNTA: — Porque há muitos caminhos para a verdade? E' esta idéia uma ilusão hàbilmente concebida para explicar e justificar diferenças?

KRISHNAMURTI: — Pode haver muitos caminhos para o pensar claro? Pode qualquer sistema conduzir à inteligência criadora? Só há a inteligência criadora, e não sistemas para despertá-la. Só existe a verdade, e não caminhos para conduzir à verdade. E' sòmente a ignorância que se divide a si mesma em muitos caminhos e sistemas. Cada religião sustenta que só ela possue a verdade e que só através dela pode Deus ser realizado; várias organizações afirmam, ou teem como cousa implícita, que por meio de seus métodos especiais pode a verdade ser conhecida; cada seita sustenta que possue a mensagem especial, que ela é o veículo especial da verdade. Profetas individuais e mensageiros espirituais oferecem suas panacéias como revelações diretas de Deus. Porque pretendem tal autoridade e tal eficácia para

as suas afirmações? Não é isto claro? Interêsse estabelecido, no presente e no futuro. Teem que manter suas ilusões de prestígio e poder, pois, de outro modo, que acontecerá a todas as criações da sua glória terrestre? Outros, por se haverem empobrecido pela abstenção e o sacrifício, imaginam-se crescidos em grandeza e, assim, se arrogam o direito espiritual de guiar os homens comuns. E' uma das fáceis explicações do interêsse espiritual, dizer que há caminhos para a verdade, justificando, assim, suas atividades organizadas e tentando, ao mesmo tempo, ser tolerantes para com aqueles que sustentam sistemas semelhantes.

Além do mais, estamos de tal modo emaranhados no preconceito, na tradição, com suas especiais crenças e dogmas, que repetimos, dogmática e prontamente, a afirmação de haver muitos caminhos para a verdade. Para produzir tolerância entre as muitas divisões do pensamento antagônico e condicionado, os "leaders" de interesses organizados tentam disfarçar, com frases ponderadas a brutalidade intrínseca da divisão. A própria afirmação de caminhos para a verdade é a negação da verdade. Como pode alguem delinear um caminho para a verdade — que não tem logar de morada, que não pode ser medida nem procurada? O que é fixo está morto, e para tal pode haver caminhos. A ignorância cria a ilusão de muitos caminhos e métodos.

Pelo vosso próprio pensamento condicionado, pelo vosso desejo de certeza e de finalidade, pelos vossos temores que estão de contínuo criando segu-

rança, produzis concepções artificiais e mecânicas da verdade, da perfeição. E, havendo-as inventado, buscais meios e modos de as manter. Cada organização, grupo e seita, sabendo que as divisões negam a amizade, tentam produzir unidade e fraternidade artificiais. Cada um dêles diz: Segui a vossa religião e eu sigo a minha; tende a vossa verdade e eu tenho a minha; porém, cultivemos a tolerância. Semelhante tolerância só conduzirá à ilusão e à confusão.

A mente condicionada pela ignorância, pelo temor, não pode compreender a verdade, pois, em virtude de suas próprias limitações, cria, para si mesma, outras limitações. Não se pode atrair a verdade. A mente não a pode criar. Se compreenderdes isto plenamente, então discernireis a completa futilidade dos sistemas, das práticas e das disciplinas.

Presentemente, sois de tal maneira parte do processo intelectual e mecânico de viver que não podeis perceber a sua artificialidade; ou recusais vê-la, pois a percepção significaria ação. Daí a pobreza do vosso próprio ser. Quando começardes a vos aperceber do processo do pensamento e vos tornardes concientes de que êle está criando, para si mesmo, a sua própria vacuidade e malôgro, êsse mesmo apercebimento dissipará o mêdo. Haverá, então, amor, plenitude de vida.

PERGUNTA: — Não vedes, senhor, que as vossas idéias só nos podem conduzir a um resultado — à vacuidade da negação e à ineficácia em nossa luta com os problemas da vida?

KRISHNAMURTI : Quais são os problemas da Vida? Ganhar a vida, amar, não ter mêdo, não ter tristeza, viver feliz, sã e completamente. Estes são problemas da nossa vida. Estou eu dizendo algo que vos conduza à negação, à vacuidade, que vos impeça de compreender vossa própria miséria e luta ? Não me fazeis esta pergunta por estar a vossa mente acostumada a buscar a chamada instrução positiva? Isto é, quereis que se vos diga o que deveis fazer, quereis ser aconselhados a praticar certas disciplinas, afim de poder viver uma vida de felicidade e realizar Deus. Estais habituados a vos conformar, na esperança de realizar uma vida maior e mais plena. Eu digo, ao contrário, que a conformidade nasce do temor e que essa imitação não é o caminho positivo da vida. Indicar o processo de que sois prêsa, auxiliar-vos a vos tornar apercebidos da prisão de limitação que a mente para si mesma criou, não é negação. Ao contrário, se estiverdes apercebidos do processo que vos trouxe à presente condição de tristeza e confusão, e entenderdes o seu pleno significado, essa mesma compreensão dissipará a ignorância, o mêdo, a querença. Só então poderá haver uma vida de plenitude e verdadeiras relações entre o indivíduo e a sociedade. Como pode isto conduzir-vos a uma vida de negação e ineficácia?

Que tendes agora? Umas poucas crenças e ideais, algumas posses, um "leader" ou dois para seguirdes, um murmúrio ocasional de amor, constante luta e sofrimento. E' isto riqueza de vida, preenchimento e êxtase ? Como pode existir a beatitude

da realidade se a mente-coração é prêsa do mêdo? Como pode haver iluminação se a mente-coração está criando a própria limitação e confusão? Digo-vos, considerai o que tendes, tornai-vos apercebidos dessas limitações, e êsse mesmo apercebimento despertará a inteligência criadora.

PERGUNTA : — E' possível a libertação do conflito para quem quer que seja, em qualquer tempo, sem ter em conta a evolução? Deparou-se-vos outro exemplo a não ser o vosso, no qual essa possibilidade se tenha tornado realidade?

KRISHNAMURTI: — Não perguntemos se qualquer outra pessoa se libertou da ignorância e do conflito. Podeis vós, sobrecarregados de ilusão e de mêdo, libertar-vos da tristeza em qualquer tempo? Podeis, com muitas crenças e valores, libertar-vos da ignorância e da querença? A idéia da perfeição eventual é apenas uma ilusão. A mente ociosa apega-se à idéia agradável do crescimento gradual e acumula para si mesma muitas teorias confortadoras.

Pode o movimento de experiência para experiência produzir a inteligência criadora? Tendes realizado muitas experiências. Qual o resultado? De tais experiências apenas acumulastes memórias autoprotetoras que abrigam a mente contra o movimento da vida.

Pode a mente, em qualquer momento, tornar-se apercebida do seu próprio condicionamento, e começar a libertar-se dessa limitação? Certamente é possível.

Podeis admitir isto intelectualmente, porém, não terá significação alguma enquanto se não evidenciar na ação. Entretanto a ação acarreta atrito, perturbação. Vosso próximo, vossa família, vosso "leader", vossos valores, tudo isso cria oposição. Portanto, a mente começa a evadir-se do atual e a desenvolver teorias hábeis, astutas para a própria proteção. A mente condicionada, temendo o resultado do seu esfôrço, escapa sutilmente para a ilusão do adiamento, do crescimento.

20 de dezembro de 1936.

PALESTRA NA INDIA

IV

(*A substância das palestras feitas em 26 e 27 de dezembro está contida nesta*)

As palavras que emprego em minhas palestras não teem o significado especial que lhes foi dado por filósofos e psicólogos.

Que compreensão vos trouxeram estas palestras? Estais ainda afirmando que existe uma divindade, um amor que está para além da vida humana? Andais ainda tateando à busca de remédios parciais, de curas superficiais? Qual o estado de vossa mente e coração?

Para trazer à existência a ordem inteligente, é necessário que haja verdadeiro pensar e ação verdadeira. Quando a mente é capaz de compreender seu próprio processo de luta e limitação, quando o pensamento é capaz de se revelar sem o conflito da divisão, então há plenitude de ação. Se a mente se prepara para a ação, semelhante preparação tem que se basear no passado, nas memórias auto-protetoras, e

que impedir, portanto, a plenitude de ação. A simples análise da ação passada não pode proporcionar seu pleno significado. A mente que, conciente ou inconcientemente, se amolda a um ideal, que é simplesmente a projeção da segurança e satisfação pessoais, tem que limitar a ação e tornar-se, assim, condicionada. Está apenas desenvolvendo memórias e hábitos auto-protetores afim de resistir à vida. Dêste modo há constante frustração.

Do acúmulo de memórias auto-protetoras surge a identidade, a concepção do *"eu"* e sua continuação, sua evolução no sentido da perfeição, da realidade. Êste *"eu"* busca perpetuar-se por meio das próprias atividades volitivas da ignorância, temor e querença. Enquanto a mente não se aperceber dessas limitações, o esfôrço para evolucionar, para obter êxito, sòmente cria mais sofrimento e aumenta o inconciente. O esfôrço torna-se assim, uma prática, uma disciplina, um ajuste e conformidade mecânicos.

A maioria dentre nós julga que o tempo e o progresso evolutivo são necessários ao nosso preenchimento. Pensamos que as experiências são essenciais para nosso crescimento e desenvolvimento. Muitos aceitam prontamente esta idéia, pois, conforta-os a concepção de haver muitas vidas através das quais poderão aperfeiçoar-se; sustentam que o tempo é essencial ao seu preenchimento. E' isto assim? A experiência liberta verdadeiramente ou apenas limita o pensamento? Pode a experiência libertar a mente, com suas memórias auto-protetoras, da ignorância, do mêdo e da querença? As memórias auto-proteto-

ras e os desejos servem-se das experiências para se perpetuarem. Estamos, portanto, amarrados ao tempo.

Que entendemos por experiência ? Não é acúmulo de valores, baseado nas memórias auto-protetoras, que nos dá um modo de proceder instigado pela vantagem pessoal? E' o processo de gostar e não gostar, de escolha. O acúmulo de lembranças auto-protetoras é o processo da experiência, e a relação entre elas é contacto entre duas lembranças individualizadas e auto-protetoras, cuja moral é a concordância em guardar o que possuem.

Sois vosso próprio caminho e vossa própria vida. Em virtude de vosso verdadeiro esfôrço a inteligência criadora será despertada. Enquanto não houver esta inteligência criadora nascida do apercebimento sem escolha, tem que haver caos, contenda, ódio, conflito e tristeza.

PERGUNTA: — Dissestes que a compreensão da verdade só é possível por meio da experimentação. Ora, experimentação significa ação, que, para ter algum valor, deve nascer do pensamento amadurecido. Se, porém, como ponto de partida, meu próprio pensamento está condicionado por lembranças e reações, como poderei agir ou experimentar verdadeiramente?

KRISHNAMURTI: — Para experimentar verdadeiramente deve a mente estar, antes de tudo, apercebida, de que seu pensamento está condicionado. Pode o indivíduo pensar que está experimentando; porém, se não estiver apercebido da limitação, esta-

rá ainda agindo dentro do cativeiro da ignorância, do mêdo. O pensamento condicionado não se pode reconhecer a si mesmo como tal; o desejo de fugir a essa limitação, pela análise, pelo processo artificial da compulsão, da negação ou afirmação, não vos trará compreensão nem liberdade. Nenhum sistema ou compulsão da vontade revelará à mente a sua própria limitação, seu cativeiro.

Quando há sofrimento, a mente busca escapar e, dêste modo, sòmente cria para si mesma outras ilusões. Se, porém, a mente estiver plenamente apercebida do sofrimento e não buscar fugir, então êsse mesmo apercebimento destruirá a ilusão; êste apercebimento é compreensão. Assim, ao invés de perguntardes como libertar o pensamento do mêdo, da querença, tornai-vos concientes da tristeza. A trìsteza é a indicação da mente condicionada, e a mera fuga à tristeza apenas aumenta a limitação. No momento do sofrimento, começai a estar apercebidos; então, a própria mente perceberá a natureza ilusória da fuga, das lembranças auto-protetoras e das vantagens pessoais.

PERGUNTA: — Devemos ser cumpridores do dever?

KRISHNAMURTI: — Quem faz esta pergunta? Não é um homem que esteja procurando a compreensão, a verdade, porém um homem cuja mente está sobrecarregada pelo mêdo, pela tradição, pelos ideais e pelas lealdades raciais. Uma tal mente, entrando em contacto com o movimento da vida, apenas cria atrito e sofrimento para si mesma.

PERGUNTA: — São os mais velhos culpados de exploração quando esperam respeito e obediência dos jovens ?

KRISHNAMURTI: — Demonstrar respeito aos idosos é, geralmente, um hábito. O mêdo pode assumir a forma de veneração. O amor não se pode tornar um hábito, uma prática. Não há respeito dos idosos para com os jovens nem dos jovens para com os idosos, porém sòmente a demonstração de autoridade e o hábito do temor.

A organização de frases, o cultivo do respeito não é cultura, mas sim uma armadilha para prender os que não pensam. Nossas mentes tornaram-se tão escravizadas aos valores habituais, que perdemos todo o afeto e profundo respeito à vida humana. Onde há exploração não pode haver respeito à dignidade humana. Se exigirdes respeito sòmente por ser mais velhos e ter autoridade, isso é exploração.

PERGUNTA: — Se um homem estiver em ignorância ou sem saber o que fazer, não terá necessidade de um gurú para o guiar ?

KRISHNAMURTI: — Pode alguem ajudar-vos a atravessar êste vácuo dolorido da vida diária ? Pode uma pessoa qualquer, por grande que seja, ajudar-vos a sair desta confusão ? Ninguem o pode. Esta confusão é auto-criada; êste tumulto é o resultado de uma vontade em conflito com outra vontade. Vontade é ignorância.

Eu sei que a busca de gurús, instrutores, guias,

mestres é o desporto doméstico de muitos, o desporto dos que não pensam, no mundo inteiro. Dizem as pessoas: — Como impedir esta crueldade e miséria caóticas, a não ser que os libertos, os iluminados, venham em nosso auxílio e nos salvem da tristeza? Ou, então, criam a imagem mental de um santo favorecido e penduram-lhe ao redor do pescoço todas as suas dificuldades. Ou, ainda, acreditam que algum guia super-físico exerce vigilância sobre êles e lhes diz o que devem fazer, como agir. A busca de um gurú, de um mestre, indica que se evita a vida.

A conformidade é a morte. E' apenas a formação de um hábito, o fortificar do inconciente. Quantas vezes vemos alguma cena feia, cruel, e fugimos dela. Vemos pobreza, crueldade, degradação de toda a espécie; a princípio ficamos apavorados, porém, breve disso nos tornamos inconcientes.

Acostumamo-nos ao nosso ambiente, encolhemos os ombros e dizemos: Que podemos fazer? E' a vida. E assim destruimos nossas reações de sensibilidade, à fealdade, à exploração, à crueldade e ao sofrimento, e também nossa apreciação e gôzo profundo da beleza. Advém, assim, um lento fenecer da percepção.

O hábito vence gradualmente o pensar. Observai a atividade de vosso próprio pensamento e vereis como se vai formando de hábito em hábito. Assim, o conciente vai-se tornando inconciente e o hábito endurece a mente mediante a vontade e a disciplina. Forçar a mente a disciplinar-se por meio do

mêdo, que é frequentemente confundido com amor, produz frustração.

O problema dos gurús existe quando buscais confôrto, quando desejais satisfação. Não há confôrto e sim entendimento; não há satisfação e sim preenchimento.

Pergunta: — Parece que dais um novo significado à idéia da vontade, essa qualidade divina do homem. Compreendo que a encarais como um obstáculo. E' isto ?

Krishnamurti: — Que entendeis por vontade? Não é vencer, conquistar, exercer um determinado esfôrço? Que tendes de conquistar? Os vossos hábitos, resistências desenvolvidas pelo mêdo, o conflito dos vossos desejos, a luta dos opostos, a frustração de vosso ambiente. Assim, desenvolveis a vontade. A vontade de chegar a ser algo, em todo seu significado, é apenas um processo de resistência, um processo de vencer, incitado pela ânsia auto-protetora.

A vontade é, na realidade, uma necessidade ilusória do mêdo, não uma qualidade divina. E' apenas a perpetuação de memórias auto-protetoras. Pelo mêdo tornais-vos invulneráveis ao amor, à verdade, e o desenvolvimento do processo de auto-proteção é chamado vontade. A vontade tem suas raizes no egoísmo. A vontade de existir, de se tornar perfeito, de obter êxito, a vontade de adquirir, a vontade de encontrar Deus é impulsão do egoísmo.

Quando a ação do mêdo, da ambição, da segurança, da virtude pessoal e do caráter ceder à inteligência, então sabereis como viver plenamente, integralmente, sem a luta da vontade.

A vontade é apenas o incitamento insistente das lembranças auto-protetoras, o resultado da ignorância e do mêdo individualizados. A cessação da vontade não é a morte, é sòmente a cessação da ilusão nascida da ignorância. A ação despojada do mêdo e da vantagem pessoal é a única que produzirá relações harmoniosas e criadoras, com outrem e com a sociedade.

28 de dezembro de 1936.

THE STAR PUBLISHING TRUST

2123, North **Beachwood Drive, Hollywood, California,** U. S. A.
Vasanta Vihar, **Adyar, Madras,** India.
Ommen (O), Holanda.

* * *

LISTA DE AGENTES E RESPECTIVO IDIOMA DAS PUBLICAÇÕES

CHECOSLOVACO

Mr. Joseph Skuta, Brafova, 1732, Moravska Ostrava — **Tcheco-Slovakia**.

DINAMARQUÊS

Mr. E. J. Wibolt, Gl Kongevej 86-A, Copenhague — **Dinamarca**.

HOLANDÊS

Mr. H. F. Willemsen, Tjijoeroeg, **Java — Indias Holandesas.**
Mr. M. Ch. Bouwman, Reelaan 10, Den Dolder — **Hollanda**.

INGLÊS

Mr. John Mackay, "Myola", 2, David St. Mosman N. S. W. — **Austrália**.

The Star Publishing Agency, 147, Regent St., London W. I. — **Ilhas Britânicas**.

Mr. N. A. Naganathan, 338, Dalhousie St., Rangoon — **Birmânia**.

Mr. Jack Logie, 420, Vancouver St., Victoria, B. C. — **Canadá**.

S. P. T. Vasanta Vihar, Adyar, Madras — **India**.

Mrs. T. Tidswell, 66, Williamson, St., One Tree Hill, Auckland, S. E. 3 — **Nova Zelândia**.

Miss Bargaret Williamson, 939, Church Str., Pretoria — **Africa do Sul**.

S. P. T. Office, 2123, N. Beachwood Drive, Hollywood, Califórnia. — **Estados Unidos**.

FINLANDÊS

Miss Helmi Jalovaara Katajanokank, 8 D, Helsinki — **Finlândia**.

FRANCÊS

Mrs. L. Stadtsbaeder, 114, Rue de Theux, Bruxellas — **Bélgica**.

Mr. E. Bondonneau, 4, Square Rapp, Paris, VII — **França**.

ALEMÃO

Dr. Richar Weiss, Schelleingasse, 9, vii-6, Vienna, IV — **Austria**.

Dr. Annie Vigeveno, 7, Victoriastrasse, Berlin-Neubabelsberg — **Alemanha**.

Miss Esther Kern, al Mirto, Minusio-Locarno — **Suissa**.

GREGO

Mr. N. Carvounis, 20, Homer St., Athenas — **Grécia**.

HUNGARO

Mrs. Ella von Hild, Nemetyolgyi ut 4. 2. 1., Budapest, I — **Hungria**.

ISLANDÊS

Mrs. A. Sigurdardottir Nielsson, Laugarnes, Reykjavik — **Islândia**.

ITALIANO

Mr. Grant A. Greenham, Post Office Box 155, Trieste — **Itália**.

LATONIANO

Miss Vera Meyer Klimenko, Baznicas iela 34 dz. 8, Riga — **Latônia**.

NORUEGUÊS

Dr. Lilly Heber, Post Office Box 34, Blommenholm. — **Noruega**.

POLONÊS

Countess H. Potulicka, Hruszniew, p. Platerowo, Woj. Lubelskie — **Polônia**.

RUMAICO

Mr. Silviu Rusu, Piata Lahovary, n. 1-A Bucharest III — **Romênia**.

SUECO

Miss Kerstin Bohlin Valhallavagen, 134, Stockolmo — **Suécia**.

FUNDACIÓN HISPANO-AMERICANA SAPIENTIA

(Idioma hespanhol)

Sr. F. Rovira, Apartado n.º 867, Madrid, Hespanha.

AGENTES

Sr. José Carbone, Avenida de Mayo, 1370, Buenos Aires — **Argentina**.

Sr. Armando Hamel, Casilla de Correio 3603, Santiago — **Chile.**

Sr. Antonio Gallego González, Ciénaga. Magdalena — **Colômbia.**

Sra. Edith Field de Povedano, Apartado 206, San José — **Costa Rica.**

Dr. Dâmaso Pasalodòs. Abrapía 32, altos Havana — **Cuba.**

Sr. Ramón Aviles, la Calle Poniente, n.º 29, San Salvador — **El Salvador.**

Sr. F. A. Fopp Corriols, Apt. 212, Pasaje Rubio 3 piso, Guatemala — **Guatemala.**

Sr. R. Ramírez Delgado, Libreria "Ruben Dario", Tegucigalpa — Honduras.

Sr. Agustin Garza Galindo, Apartado 1475, México D. F. — **México.**

Sr. Pedro Fajardo, 6-A Calle Noroeste, Managua — **Nicarágua.**

Sr. B. Checa Drouet, Apartado 2390, Lima — **Perú.**

Sr. Enrique Biascoechea, Apartado n.º 952, San Juan — **Puerto Rico.**

Sra. F. M. viuda de Carbonell, Dr. Delgado, 16, S. Domingo — **Rep. Dominicana.**

Sr. Alvaro A. Araujo, Apartado 147, Montevidéo — **Uruguay.**

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

(Língua portuguesa)

Dra. Ophelia Guimarães, Secretária, Avenida Rio Branco n. 117, 2.º and. Sala, 203. — Rio de Janeiro, Brasil.

AGENTES

Mrs. Nada Glover — Praça da Sé, 53, sala 56 — S. PAULO.
Sr. J. B. Viera Rebêlo — Caixa Postal 588 — Curitiba. — PARANÁ'.

Sr. Mauricio Pitanga — Rua Dr. J. J. Seabra, 324 — S. Salvador — BAÍA.

Dr. Valmiki de Albuquerque — Av. Barão do R. Branco, 1958 — Fortaleza — CEARA'.

Sr. Gabriel Hermes Filho — Av. Independencia, 171, Belém — PARA'.

Sr. Cândido Cruz — Drogaria Caldas — S. Luiz — MARANHÃO.


OFICINAS GRAFICAS
DO
"JORNAL DO BRASIL"
TIPOGRAFICO
Memorias, Relatorios
Cartões, Convites, Faturas
NOTAS, CIRCULARES, AVULSOS
DE QUALQUER ESPECIE
ETC, ETC
SECÇÃO DE GRAVURA
Fazem-se clichés
E ESTEREOTIPIAS
Preços modicos
Av. Rio Branco, 112
3º Andar

PREÇO: 4$000